

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A RECONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE COMUNIDADE:
IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO
TRABALHO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SENTIDO DE
COMUNIDADE

Liliana Raquel Pinheiro Marante

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



A RECONSTRUÇÃO DO SENTIDO DE COMUNIDADE:
IMPLICAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS NO
TRABALHO SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SENTIDO DE
COMUNIDADE

Liliana Raquel Pinheiro Marante

Dissertação orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2010

*Dedico-te a ti que concedes(te) vida,
pai e mãe.*

Agradecimentos:

Agradeço aos Professores/as, Colegas e Amigos/as que inspiraram esta Alquimia.

À Residência Universitária Monte Olivete, agradeço-vos o Acolhimento.
Onde e com quem, desde 2007, cruzamos Comunidades numa Comunidade.

Agradeço a quem partilhou comigo a 1ª Escola de Verão da Aliança das
Civilizações das Nações Unidas e com quem reconstrui o Sentido Activista
pelo Diálogo de Diferentes.

Agradeço à equipa da SEIES – Sociedade de Estudos e Intervenção em
Engenharia Social – a Inspiração e Responsabilização pelo trabalho Co-
participado promotor da Dignidade Humana.

Agradeço ao Professor Luís Miguel Neto a Inspiração de Possíveis.

Agradeço a Mr McMillan a Disponibilidade Técnica e Poética para partilhar
Visões de Sentido de Comunidade Além Fronteiras.

Agradeço ao Professor Wolfgang Lind a Honra desta Co-construção,
em que Acreditámos Ser Possível.

Agradeço-Vos a *Supervivência* que Iluminou
Esta e Outras Versões,

Sílvia Almeida

Álvaro Pizarro

Nuno Duarte

A Quem Comigo Construiu o que Hoje é Ainda um Sonho ... Vos Agradeço.

Resumo

Este projecto de investigação pretende relevar o interesse no olhar sobre a produção da Experiência de Sentido de Comunidade e a sua possibilidade de reconstrução. Baseando-nos na Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996), trabalhamos uma primeira versão da *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) de Peterson, Speer e McMillan (2008), adaptada para a população portuguesa, considerando como referente comunidades geográficas. A partir de uma análise dos índices psicométricos, explora-se a questão da uni ou multidimensionalidade da EBSC. Foram extraídas duas dimensões: *Envolvimento* (inclui as dimensões teóricas originais *Pertença*, *Influência* e *Ligações Emocionais*) e *Satisfação de Necessidades*. A inclusão da *Escala de Importância da Comunidade* (EIC) que considera a esfera pessoal e social é também analisada. Observa-se uma relação mais forte entre a *Importância da Comunidade* e o *Envolvimento* do que entre as duas dimensões do *Sentido de Comunidade*. Neste sentido sugere-se que a Importância da Comunidade poderá ter um efeito renovador do Sentido de Comunidade regulando o Envolvimento e o grau de investimento na comunidade. Esta relação entre a Importância da Comunidade e o Envolvimento indica-nos que o significado que a comunidade tem para a pessoa, será mais importante do que a garantia de Satisfação de Necessidades no seu seio. Na relação de EBSC com as variáveis sócio-demográficas verificam-se resultados estatisticamente significativas quanto à qualificação profissional, dimensão do agregado familiar, local de residência, trabalho na área de residência, tempo de residência, praticante de religião e praticante de actividades na área de residência. Finalmente são reflectidas algumas implicações relativas a decisões metodológicas considerando condições relevantes para a Reconstrução do Sentido de Comunidade.

Palavras-Chave: *Sentido de Comunidade; Importância da Comunidade.*

Rebuilding Sense of Community:

Theoretical and Methodological Implications on Sense of Community Experience

Abstract:

This project aims to give a contribute looking at the Experience of Sense of Community as well as its' possibility of reconstruction. Based on McMillan and Chavis (1986) and McMillan (1996) Theory of the Sense of Community, we adapted a first version of the *Brief Sense of Community Scale* (BSCS; Peterson, Speer & McMillan, 2008) for the portuguese population, taking as referent geographical communities. Departing from psychometric analysis, we explore the issue of one or multiple dimensions of the BSCS. We attain two dimensions from the data: *Involvement* (including the original theoretical dimensions *Membership*, *Influence* and *Shared Emotional Connections*) and also *Fulfillment of Needs*. Inclusion of the *Importance of the Community Scale*, that considers both personal and social fields, is also analyzed with the BSCS. We observed a stronger relation between *Importance of the Community* and *Involvement* than between the two dimensions of the *Sense of Community*. Therefore, we suggest that the Importance of the Community might have a renewal effect on the Sense of Community by serving as a regulator of the Involvement and the degree of investment in the community. This relation imply that the meaning and identity, that the community holds for the individual, will be more important than the Satisfaction of individual's Needs. Considering the relation between socio-demographic variables, we observed statistically significant data, related to professional qualification, dimension of family household, residence area, work in the area of residence, time of residence, practice of religion and joining community activities. Finally, some implications are reflected on the methodological decisions considering relevant conditions for the Rebuilding of Sense of Community.

Key-Words: *Sense of Community*; *Importance of the Community*.

Índice

Introdução	1
1 – Enquadramento Conceptual	2
1.1 A Comunidade – Um Contexto Fundamental	2
1.2. As Fronteiras da Comunidade - A Relatividade “Nós / Eles”	3
1.3. Um Consenso: Comunidades Geográficas e Relacionais	5
1.4. A Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996)	6
1.4.1. Pertença	7
1.4.2 Influência	8
1.4.3 Integração e Satisfação de Necessidades	8
1.4.4 Ligações Emocionais Partilhadas	9
1.5. Dinâmica do(s) Sentido(s) de Comunidade e as Múltiplas Pertenças	9
1.6. Operacionalização de Sentido de Comunidade: Contextos, Metodologias e Instrumentos	11
1.7. Determinantes no Sentido de Comunidade: Variáveis de Nível Micro e Macro	16
2 – Metodologia	20
2.1. <i>Design</i> e Objectivos de Investigação	20
2.2. Instrumentos Utilizados	20
2.2.1. <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i>	21
2.2.2. <i>Escala de Importância da Comunidade</i>	22
2.3. Selecção da Amostra e Recolha de Dados	23
2.3.1. Caracterização da Amostra	23

3 – Apresentação de Resultados	25
3.1. <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i>	25
3.1.1. Consistência interna e medidas de tendência central de EBSC	25
3.1.2. Validade de Constructo: Análise Factorial Exploratória	26
3.1.2.1. Método de Análise de Componentes Principais	26
3.1.2.2. Correlações inter-item EBSC e Paralelismos com BSCS	26
3.1.2.3. Extração de Factores	27
3.2. <i>Escala de Importância da Comunidade</i>	29
3.2.1. Consistência Interna e Medidas de Tendência Central	29
3.3. Vamos Por Partes ...	30
3.3.1. Correlações entre os Factores da EBSC, SC-total e EIC	30
3.3.2. Relações entre as Variáveis Sócio-Demográficas e EBSC, E, SN e EIC	30
4 – Discussão	34
5 – Implicações: Quando Questões Maiores se Levantam	44
6 – Conclusões	49

Bibliografia

Anexos

1. *Brief Sense of Community Scale*

Apêndices

1. *Escala Breve de Sentido de Comunidade*
2. *Escala de Importância da Comunidade*
3. Protocolo de Participação

Índice de Quadros:

Quadro 1: Análise da <i>Brief Sense of Community Scale</i>	21
Quadro 2: <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i>	22
Quadro 3: <i>Escala de Importância da Comunidade</i>	22
Quadro 4: Número de filhos do agregado familiar	24
Quadro 5: Número de filhos coabitantes com o agregado familiar	24
Quadro 6: Distribuição da amostra por grupo profissional	25
Quadro 7: Correlações inter-item da <i>Escala Breve de Sentido de Comunidade</i>	26
Quadro 8: Análise da Variância Total Explicada pelos Componentes da EBSC	27
Quadro 9: Matriz de Componentes Antes e Após Rotação	28
Quadro 10: Alfas de <i>Cronbach</i> de EBSC e BSCS	29
Quadro 11: Correlações de <i>Pearson</i> entre as variáveis <i>Sentido de Comunidade</i> , <i>Envolvimento</i> , <i>Satisfação de Necessidades</i> e <i>Importância da Comunidade</i>	30
Quadro 12: Resultados dos testes de comparação de médias entre variáveis sócio-demográficas e <i>Sentido de Comunidade</i> , <i>Envolvimento</i> , <i>Satisfação de Necessidades</i> e <i>Importância da Comunidade</i>	31
Quadro 13: Correlações de <i>Pearson</i> entre as variáveis <i>Sentido de Comunidade</i> , <i>Envolvimento</i> , <i>Satisfação de Necessidades</i> e <i>Importância da Comunidade</i>	32
Quadro 14: Proposta de Sistematização de Sugestões a Considerar Metodologicamente	47

Índice de Siglas Utilizadas:

SC – Sentido de Comunidade

SCI - *Sense of Community Index*

BSCS - *Brief Sense of Community Scale*

EBSC - *Escala Breve de Sentido de Comunidade*

EIC – *Escala de Importância da Comunidade*

P - Pertença

I – Influência

SN – Satisfação de Necessidades

LE – Ligações Emocionais

E - Envolvimento

IC – Importância da Comunidade

Introdução

É na experiência que se cria quando um ser humano se encontra com outros... Quando são capazes de se olhar, uns nos outros Quando são capazes de caminhar na construção de um ambiente onde se encontram diferenças e se negociam destinos ... Que se constrói o Sentido de Comunidade.

Poderíamos estar aqui a falar de Amor ou de Amizade, poderíamos falar de Justiça e dos Direitos do Ser Humano, poderíamos estar a falar de Igualdade, Fraternidade e Liberdade,... e estamos! Talvez nas próximas páginas consigamos perceber como.

Dedicámo-nos a percorrer um conjunto de referências a Pessoas, a Obras, a Presenças visíveis e invisíveis que foram capazes de dotar este caminho de um brilho especial e de o manter em perspectiva. Foi no Encontro Memorial de Pessoas e Espaços que visceralmente se foi concebendo o que poderia ser o Sentido de Comunidade e os meandros da sua instituição, a Comunidade.

“Sense of Community is a complex notion. When trying to describe it, one is attempting to define a spirit. (...) Defining a spirit is like catching lightening in a bottle. Is like grabbing oxygen out of the air. It is doable but you will never do it perfectly. Everything overlaps everything else.”

David McMillan (2010)

1. Enquadramento Conceptual

1.1. A Comunidade – Um Contexto Fundamental

A perspectiva ecológica constitui um referencial na psicologia comunitária proporcionando um conjunto de níveis de análise¹, e um compromisso na aplicação do conhecimento adquirido na criação de condições que permitam a mudança nos padrões das relações e dos contextos, integrando estes objectivos no desenho de processos de intervenção com vista à melhoria da qualidade de vida das pessoas (Levine, Perins & Perkins, 2005 citado por Ornelas, 2008). É na assumpção da perspectiva ecológica como um referencial fundamental na orientação, investigação e intervenção nas comunidades que a psicologia comunitária define os seus princípios caracterizados por um olhar holístico, que considera as comunidades sistemas abertos², com vários sistemas de análise interdependentes e de mútua influência que relacionam os indivíduos nos e com os seus ambientes. Assim, considerar a comunidade envolvida num sistema multi-nível de estudo abriu um processo de reflexão e partilha, comum a diferentes disciplinas e movimentos sociais, que ajudou a tornar explícitas as assumpções teóricas dos psicólogos comunitários e a penetrar os contextos em busca de dados empíricos e experiências que elevassem as suas teorias a outros níveis de complexidade.

Uma razão que motivou o aparecimento do movimento da Psicologia Comunitária nos Estados Unidos da América foi a necessidade sentida por alguns psicólogos de oposição à desintegração social que seguiu o período da II Guerra Mundial. Os psicólogos comunitários esperavam poder contribuir para uma geração seguinte de mudanças sociais desejadas e, a comunidade representava o ambiente no qual este objectivo poderia ser perseguido (Wiesenfeld, 1996). Mas quando se assume o ambiente e como este envolve as circunstâncias fundamentais que

¹ Levine, Perkins e Perkins (2005 cit. Ornelas, 2008) procuraram traduzir os conceitos avançados pela ecologia para o campo da psicologia comunitária considerando os diferentes níveis de análise: 1) população como um grupo de indivíduos semelhantes e com interesses comuns; 2) a comunidade compreende as várias populações com diferentes interesses, que partilham uma determinada área como um bairro ou cidade; 3) o ecossistema inclui a comunidade e o ambiente físico envolvente, bem como as regras sociais, os costumes e as leis que influenciam e regulam as oportunidades, as liberdades e os espaços individuais; 4) a biosfera que se refere ao conjunto de todos os ecossistemas com questões que afectam todos os sistemas como a globalização da economia, aquecimento global e fluxos migratórios.

Bronfenbrenner (1979 cit. Ornelas, 2008) utilizando diferentes níveis de análise, elaborou um modelo ecológico do desenvolvimento humano o qual apoia também a ilustração dos vários níveis de análise e trabalho da psicologia comunitária. Bronfenbrenner (1979 cit. Ornelas, 2008) teoriza a concepção do ambiente social enquanto um conjunto de estruturas interdependentes e que se embutem umas nas outras, das quais o primeiro é o microssistema que se reporta aos contextos de relação directa do indivíduo onde desempenha papéis sociais e desenvolve relações; o mesossistema corresponde às relações entre os vários microssistemas em que as pessoas participam (família, local de trabalho, rede social); o exossistema envolve os diferentes contextos onde as pessoas vivem, como recursos físicos, infra-estruturas culturais, de saúde e educação; o macrossistema, enquanto sistema mais abrangente e que encaixa todos os anteriores, refere-se às dimensões culturais, legislativas, económicas que definem as sociedades.

² Sistemas abertos são aqueles que mantêm uma interpermeabilidade com o exterior, que permite que o sistema vá redefinindo os seus pontos de equilíbrio e fechando para manter essa estrutura, que se reorganizará aquando de novos fluxos que reequilibrem a sua organização (Morin, 1990). Estes sistemas não são portanto separáveis, estão sim em constante interdependência (Pina Prata, comunicação oral em aula).

situam as transições de vida, e a comunidade como um exemplo disso, afinal de que estamos a falar? Contexto. Este é um conceito dilecto no âmbito de trabalho da Psicologia Comunitária, pois permitiu-lhe a clarificação do seu sistema de valores e princípios de intervenção³.

A assumpção de trabalho sobre o contexto encerra um princípio que considera as pessoas como aspectos do contexto e não separadas dele, e neste sentido a comunidade é perspectivada como uma construção social (Gergen, 1985). Neste sentido, Wiesenfeld (1996) afirma que não podemos assumir que a comunidade existe *a priori*, antes das acções dos seus membros, esta é construída à medida que as características individuais de um grupo de pessoas se encontram num ambiente onde estas se relacionam, se ajudam, trabalham e fazem face às suas necessidades. Assim, se a comunidade existe à medida que as pessoas se encontram nela e definem a sua experiência comunitária, quando um profissional procura investigar um contexto comunitário deparar-se-á com um conjunto de significados, pois estes advêm das representações de co-construção, da interacção na comunidade e da experiência simbólica que tem lugar naquele contexto. Neste sentido, devemos reconhecer, como Moore (2001 citado por Bishop & Browne, 2006) afirmou que “*we are shot through with community*” (p. 71) ... gostaríamos de acrescentar “*communities*”.

1.2. As Fronteiras da Comunidade - A Relatividade “Nós / Eles”

Ao longo de diferentes definições de comunidade um elemento que parece estar implícito é a noção de “nós” (Wiesenfeld, 1996). Cada definição, diz Wiesenfeld, atende à semelhança nos membros da comunidade como uma condição necessária para a identidade do grupo se desenvolver. A um certo ponto, as definições parecem ignorar as características únicas de cada indivíduo, as marcas culturais e as diferenças identitárias, enquanto afirmação de parte num todo. Estas diferenças são produto das relações e processos que os membros constroem ao longo do tempo. Se estas diferenças são abolidas, objectivando uma definição mais clara e homogénea de comunidade, e uma demarcação clara do “nós/eles”, então esta definição pode eliminar também pertenças, pessoas que temporária ou permanentemente se afastam da comunidade.

A comunidade deve, então, ser conceptualizada como construída por diferentes identidades que são por natureza interdependentes (Wiesenfeld, 1996). As diferentes transições pelas quais uma pessoa passa ao longo da vida como: ida para a escola, a saída de casa, os interesses que incorpora, o assumir uma profissão, o estado civil, a sua rede social, os sítios onde vive e por onde vai

³ Os princípios de trabalho sobre o contexto definem também as metodologias e instrumentos de trabalho, e de como estes devem ser/estar adequados aos valores que tornaram distintivo este movimento. Reflectiremos mais concretamente sobre estas questões à frente (cf. 1.6 Operacionalização de Sentido de Comunidade: contextos, metodologias e instrumentos).

passando, a situação económico-social e política que caracterizam cada um desses contextos⁴, influem no modo como a pessoa define a sua identidade e, mais ainda, como renova e actualiza essa mesma identidade em múltiplos papéis necessários ao cumprimento e realização dos seus desejos e responsabilidades. Ser parte de uma comunidade será um dos possíveis papéis que uma pessoa desempenha na sua vida, pelo que será certamente interferido por outros eventos concomitantes, afectando também o seu investimento, participação e compromisso na comunidade.

Posto isto, devemos considerar algumas reflexões com especial necessidade de atenção e esclarecimento: a linguagem que caracteriza a experiência de estar em comunidade é muito diversificada (Hillery, 1955) e a referência à comunidade é feita, usualmente, como afirmou Puddifoot (1995, 1996), como um “território mental”, muito pessoal, não sendo tão considerados os limites que permitem identificar a comunidade da “não comunidade” (o que levanta questões ao nível dos termos utilizados para descrever este território, e até que ponto os termos são acedidos e compreendidos pela comunidade académica/científica que investiga e teoriza sobre os processos ocorrentes neste contexto). Este último ponto declara uma questão essencial: apesar da possível ambiguidade na aceção do conceito de comunidade, este consegue expressar o lado emocional de “estar junto” (Mannarini & Fedi, 2009).

Um outro ponto de reflexão decorrente do anterior, reside no perigo de definição da comunidade como um conceito equilibrado, homogéneo e com fronteiras bem demarcadas que distinguem ou excluem o dito “nós” do “eles” (Wiesenfeld, 1996). Esta abordagem periga não atender à diversidade e mutabilidade que caracterizam as transições humanas, bem como as influências que as alterações nos mercados, acessibilidades, comunicação, transportes e políticas acarretam à organização e redefinição de projectos de vida.

Em resumo, cada comunidade e suas pessoas terão diferentes formas de se referir ao que significa para si comunidade, e dessa forma, fazem uso de diferentes linguagens. Este parece ser um aspecto essencial na abordagem da comunidade – a dificuldade de aceder e fidelizar linguagens que correspondam à experiência de ser parte de diferentes comunidades e por isso com o desenvolvimento de diferentes pertenças. Por outro lado, devemos tomar atenção à consideração dos aspectos mutáveis da condição humana e em como os diferentes papéis que as pessoas jogam, as colocam em diferentes contextos, com diferentes exigências de investimento e necessariamente diferentes graus de identificação, de importância e de envolvimento.

Como conseguirá a comunidade académica aproximar-se de uma apropriação da linguagem natural utilizada na descrição da experiência de estar em comunidade? Quais as metodologias e instrumentos que serão mais adequados à captação desta experiência e correspondentes com os princípios que definem esta área de trabalho?

⁴ Estes diferentes papéis e mudanças podem ser revistas no conceito de ciclo vital (ver Relvas, 2004).

1.3. Um Consenso: Comunidades Geográficas e Relacionais

A definição de comunidade sendo um elemento essencial na investigação no campo da Psicologia Comunitária, necessita de conceptualização. O consenso para uma definição parece estar longe dadas as características deste território e os processos que nele ocorrem, mas no entanto algum consenso se verificou quanto à definição avançada por Gusfield (1975 cit. Ornelas, 2008) para clivar dois grandes usos do termo comunidade: as comunidades geográficas ou territoriais e as comunidades relacionais ou de interesse⁵. As primeiras remetem para uma noção territorial de cidade, zona ou bairro. A comunidade é criada em função de um território específico e as relações desenvolvem-se ao nível da proximidade, não necessariamente da escolha (Dalton, Elias e Wandersman, 2001 citado por Ornelas, 2008). Um conceito relacionado com comunidade geográfica é o de vizinhança. O ênfase na vizinhança enquanto comunidade, pode acontecer dada a facilidade na conceptualização do constructo comunidade quando existem fronteiras físicas ou quando esta está ligada historicamente a um local (Dunham, 1986). Apesar dos termos comunidade e vizinhança serem utilizados comumente, diferem no sentido em que vizinhança se refere a uma área geográfica específica e é geralmente residencial, onde as pessoas vivem lado a lado, ou mantêm uma relação face a face, que as afecta psicossocialmente, mas não pode depreender-se que os residentes numa vizinhança interajam, partilhem recursos, possuam um poder colectivo, ou reconheçam que são parte de uma comunidade (Montero, 2004 citado por Amaro, 2007), pelo que partilhar um espaço ou um lugar não gera automaticamente sentido de comunidade⁶.

Por outro lado, encontramos as comunidades relacionais que se definem pelos interesses, propósitos comuns ou marcas culturais e onde as relações se desenvolvem com base na partilha de interesses e valores (Gusfield, 1975 cit. Ornelas, 2008). Exemplos de comunidades consideradas relacionais são as associações de jovens, de imigrantes ou sindicatos (Heller, 1989). Com o advento da comunicação online, assiste-se a uma proliferação de comunidades de interesse e à sediação ou referência de algumas comunidades virtuais, complementando ou substituindo mesmo o contacto presencial. Estas comunidades virtuais inscrevem-se na tipologia de comunidades relacionais, dado que se definem pela partilha de interesses e não pela localidade. Comunidades como a *wikipedia* ou as redes sociais como o *myspace*, *facebook* ou a *blogosfera* são, hoje em dia, referências para muitas pessoas que a partir destas novas comunidades desenvolvem formas diferentes de relacionamento interpessoal, mais baseado no contacto virtual.

⁵ No alemão, chega mesmo a distinguir-se *Gemeinschaft* (comunidade territorial) da *Gesellschaft* (comunidade relacional, associativa ou de interesses).

⁶ Amaro (2007), sugere que apenas a partir da avaliação do sentido de comunidade dos residentes numa vizinhança somos capazes de determinar se uma vizinhança é sentida como uma comunidade. O conceito de sentido de comunidade será definido no capítulo seguinte, conceito este, base de trabalho deste projecto de investigação (cf. *A Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996)*).

Actualmente, alguns autores consideram que, se por um lado, as relações entre vizinhos estão a enfraquecer (Putman, 1995 citado por Ornelas, 2008), por outro, as pessoas estão mais envolvidas nas comunidades relacionais (Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002^b). Será importante analisar futuramente as vantagens e desvantagens que estas diferentes comunidades apresentam.

A distinção entre comunidades geográficas e relacionais assistiu a consciencialização das diferentes comunidades às quais uma pessoa pode pertencer simultaneamente e as diferentes necessidades que satisfaz no seu seio, bem como os múltiplos objectivos que nelas persegue. Estas diferentes pertenças estão associadas também elas a diferentes experiências de comunidade e de viver em comunidade – surge deste modo o conceito de sentido psicológico de comunidade.

1.4. A Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996)

Partindo do referencial ecológico no trabalho com, em, para e sobre comunidades, surge a necessidade de definir em termos psicológicos o que se quer significar com a experiência de comunidade. O conceito emergente é o de Sentido de Comunidade.

O Sentido de Comunidade “fundamentalmente refere-se à experiência individual da vida na comunidade” (Hyde & Chavis, 2007, p. 179 cit. Mannarini e Fedi, 2009). Sarason (1974 citado por McMillan & Chavis, 1986) apresentou o conceito de Sentido Psicológico de Comunidade considerando-o uma pedra angular na Psicologia Comunitária. Este autor é o primeiro a avançar com uma definição e situa-a na “percepção da semelhança com os outros, o reconhecimento da interdependência com os outros, a vontade de manter essa interdependência, dando ou fazendo pelos outros o que se espera deles, o sentimento que se é parte de uma estrutura estável, da qual se pode depender” (p. 157). Entende-se, neste sentido, a referência a um sentimento de pertença a uma rede de relações, a interdependência voluntária e a mutualidade (Ornelas, 2008).

Revelada a essencialidade do conceito de Sentido de Comunidade no domínio da Psicologia Comunitária, vários foram os trabalhos realizados com o propósito da sua compreensão, teorização e operacionalização. A Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) é a primeira conceptualização amplamente utilizada e aceite ao nível da comunidade científica. Estes autores definem o Sentido de Comunidade como “o sentimento de pertença que os membros possuem, que se preocupam uns com os outros e com o grupo e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas através do compromisso de estarem juntos” (McMillan & Chavis, 1986, p.9). Esta teoria pretende descrever a dinâmica do sentido de comunidade levando à identificação dos vários elementos envolvidos e o processo pelo qual estes cooperam para produzir a experiência de sentido de comunidade, sendo que foram identificadas quatro dimensões: *Membership* (Pertença), *Influence* (Influência), *Integration and Fulfillment of Needs* (Integração e Satisfação de

Necessidades) e *Shared Emotional Connection* (Ligações Emocionais Partilhadas)⁷.

1.4.1 Pertença

O primeiro elemento do Sentido de Comunidade é a Pertença⁸, este define-se como “um sentimento de que se tem investido parte de si para se tornar membro e, portanto, com o direito de pertencer” (Aronson & Mills 1959; Buss & Portnoy, 1967 citado por McMillan & Chavis, 1986 p. 9). Este estatuto de membro traz consigo direitos, mas também deveres ou responsabilidades, e disposição para os membros se sacrificarem mutuamente, procurando a definição de relações de lealdade (McMillan & Chavis, 1986)⁹.

Mas, se uma pessoa investe num grupo, e por isso se expõe, deve sentir segurança para o fazer. Segundo estes autores, a segurança emocional para a auto-exposição é assegurada pelos limites que definem o território físico e/ou emocional de quem faz parte, e de quem está fora do grupo. Neste sentido, o estabelecimento de limites deve providenciar um sentimento de segurança emocional, que deve proteger a intimidade do grupo (McMillan & Chavis, 1986)¹⁰. São assim definidas as semelhanças e as características distintivas e identitárias do grupo revistas num sistema comum de símbolos, como linguagens distintas, vestes e rituais usados, pré-requisitos para compreender a identidade da comunidade (McMillan & Chavis, 1986)¹¹.

⁷ Em 1996, McMillan avança com outros princípios e actualiza a teoria de sentido de comunidade renomeando as suas dimensões como: *Spirit* (Espírito - correspondente a Pertença), *Trust* (Confiança – Influência), *Trade* (Troca – Integração e Satisfação de Necessidades) e *Art* (Arte – Ligações Emocionais Partilhadas), redefinindo-o como “espírito de permanecer juntos, um sentimento de que há uma estrutura com autoridade que pode ser confiada e consciência de que as trocas e o benefício mútuo vêm de se estar junto e um espírito que vem da partilha de experiências que é preservada enquanto arte” (p. 315). Em seguida definir-se-à cada dimensão utilizando para o efeito a nomeação atribuída por McMillan e Chavis (1986) mantendo a coerência com as outras publicações sobre o tema, mas procurando articular a informação de ambas as resenhas teóricas, não sendo considerados como duas teorias exclusivas mas sim como uma complementaridade que aqui procurar-se-á estruturar.

⁸ Do inglês, *membership* é traduzido neste documento como *pertença*, já utilizado assim por Gonçalves (2009) e Anéis (2009) mas também já traduzido para português como *estatuto de membro* (Amaro, 2007; Ornelas, 2008). Neste documento a opção foi tomada salvaguardando a dimensão afectiva e experiencial do conceito, concordante, portanto, com as investigações mais recentes.

⁹ McMillan (1996) defende que as comunidades necessitam de *testar* os novos membros para determinar se estes podem ser leais à comunidade. No entanto, deve ter-se em atenção a medida adequada de sacrifício (tempo, energia, compromisso) e exposição dos membros de determinada comunidade, para garantir uma boa ligação da pessoa com o seu grupo. Se é pedido aos membros de um grupo para fazerem além do que está ao seu alcance, a sua falha na correspondência será exposta, podendo gerar vergonha, humilhação ou necessidade de isolamento ou até afastamento da comunidade (McMillan, 1996).

¹⁰ McMillan e Chavis (1986) incidem na necessidade de esclarecer os benefícios que as fronteiras providenciam, ou manter-se-ão sentimentos de medo de rejeição e isolamento associados a posições de divergência. Alguns estudos demonstraram que as fronteiras dissipam os receios pela identificação de quem pode ser confiado como “um dos nossos” (Keller, 1986; Kaplan, 1988; Weinig, Schmidt & Midden, 1990; Weiss, 1987; Simon & Pettigrew, 1990; Karasawa, 1988 citados por McMillan, 1996). Mas deve ter-se em atenção a densidade dessas fronteiras, e quais os objectivos que servem e previnem, não sendo claros os efeitos da sua rigidez ou maior permeabilidade.

¹¹ Nisbet e Perrin (1977 cit por McMillan & Chavis, 1986) fazem a interessante analogia de que o símbolo é para o mundo social, o que o átomo é para o mundo da física. Jung (1912 cit por McMillan & Chavis, 1986) faz referência a um conjunto de símbolos, no nível nacional, como os feriados, a bandeira, a linguagem e numa escala maior, os arquétipos básicos que unem toda a humanidade.

1.4.2 Influência

Uma outra dimensão do Sentido de Comunidade é a Influência, a qual nos remete para uma relação de bidireccionalidade, isto é, para uma pessoa se sentir atraída a um grupo, esta deve ter alguma influência sobre o grupo, por outro lado, a coesão grupal depende da capacidade do grupo para influenciar os seus membros para a conformidade (McMillan & Chavis, 1986). Assim, influência diz respeito a um processo de negociação entre a identidade do grupo e as diferentes identidades e objectivos das pessoas para o grupo, criando uma esfera de influência (McMillan, 1996). Nestas circunstâncias actualizam-se funções e redefinem-se os circuitos e a estrutura de poder. McMillan (1996) afirma que o elemento saliente no processo de influência é a confiança e, esta só se desenvolve através do uso do poder na comunidade, e da solução de problemas decorrentes da divisão do poder¹². Quando uma comunidade cria uma ordem, tem capacidade de tomada de decisão, autoridade baseada em princípios, em vez de pessoas, e normas de grupo que permitem aos membros e ao grupo influenciarem-se reciprocamente, então a comunidade criou um ambiente de confiança que se transmuta para ser justiça, sendo, concorrentemente, definida uma filosofia pública (McMillan, 1996).

1.4.3 Integração e Satisfação de Necessidades

A dimensão Integração e Satisfação de Necessidades refere-se a um sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos disponíveis a partir da pertença ao grupo (McMillan & Chavis, 1986 p. 9). O sentimento de satisfação de necessidades no grupo reforça positivamente a pertença a este, deste modo os membros do grupo são motivados a manter o envolvimento no grupo (Amaro, 2007). É tomado como garantido que as pessoas são atraídas para grupos a partir da satisfação que serão capazes de retirar no seu seio (Lott & Lott, 1965 cit. McMillan & Chavis, 1986). Pouca investigação tem sido feita no sentido de clarificar o que é um reforço numa relação de pertença a um grupo (McMillan, 1996). O reforço, neste contexto, é considerado um elemento na motivação das dinâmicas entre as pessoas e o grupo, essencial para que se mantenha o tal sentimento de união (McMillan & Chavis, 1986).

Mas o que cria uma necessidade além das necessidades básicas? Depois da satisfação de necessidades básicas, é no encontro com outras pessoas e na partilha de valores que novos objectivos e prioridades se configuram e podem ganhar espaços de integração nas comunidades de forma a poderem ser satisfeitos¹³. Os valores partilhados accionam uma força integrativa para a

¹² Este autor atribui grande importância ao processo de definição e gestão do poder numa comunidade, afirmando que sem normas sociais, existe apenas o caos social. Segundo ele, o primeiro requisito para a solução de problemas relacionados com a distribuição do poder reside no conhecimento que as pessoas devem ter acerca do que podem esperar de cada uma na comunidade. O segundo requisito, para McMillan (1996), é a autoridade, que se refere ao processo de escolha e decisão identitário de cada comunidade, como esta processa a informação e toma decisões.

¹³ Isto quer significar que à medida que os valores individuais são partilhados na comunidade, os seus membros vão

coesão nas comunidades (ex. Doolittle & McDonald, 1978 citados por McMillan & Chavis, 1986).

Para McMillan e Chavis (1986) a satisfação de necessidades e o reforço são uma função primária de uma comunidade forte. Esta deve ser capaz de enquadrar as pessoas num conjunto em que se desenvolve uma dinâmica de satisfação e reforço, onde alguém satisfaz as necessidades de outros enquanto satisfaz as suas próprias, num ciclo de progressiva actualização.

1.4.4 Ligações Emocionais Partilhadas

A última dimensão teorizada por McMillan e Chavis (1986) é Ligações Emocionais Partilhadas. Esta remete para uma história partilhada com a qual as pessoas se identificam e incorporam na sua história pessoal (McMillan & Chavis, 1986). Esta história é fundada na experiência, para a qual é essencial o contacto (McMillan, 1996). Dentro desta dimensão foram identificadas características como: quantidade e qualidade da interacção, desfecho positivo de acontecimentos, partilha de eventos em conjunto, importância dos membros para a história do grupo, recompensa dos membros através de honra e ligação espiritual à comunidade e aos seus membros (McMillan & Chavis, 1986). McMillan (1996) questiona sobre que (tipo de) experiência colectiva, afinal, se pode tornar arte. Avança que o contacto não é suficiente, este deve ter determinada qualidade para se tornar uma memória colectiva, a comunidade deve partilhar o destino das suas experiências comuns em algum sentido – algo como o sentimento de “um por todos e todos por um”¹⁴.

A arte suporta o espírito e assim os quatro elementos se ligam num ciclo de auto-reforço, de progressiva renovação (McMillan, 1996).

1.5. Dinâmica do(s) Sentido(s) de Comunidade e as Múltiplas Pertencas

No que concerne à dinâmica das dimensões subjacentes ao *Sentido de Comunidade*, McMillan e Chavis (1986) defendem que estes se combinam num modelo circular, de auto-reforço, com as diferentes circunstâncias tendo causas e efeitos nas ligações estabelecidas com a comunidade e no sentido de comunidade. Este processo dinâmico de auto-reforço será influenciado por várias condicionantes como: pelo tempo, pelos valores e forças externas como o comércio e a economia, pelos *media*, pela especialização das profissões, pelos meios de transporte, pela economia e pelas políticas de emprego e outras leis, num sentimento que não é estático (McMillan & Chavis, 1986).

determinar a capacidade da comunidade para organizar e priorizar as suas actividades no sentido de integrar essas mais recentes necessidades.

¹⁴ O autor avança, dizendo que, um evento para ser partilhado deve ter uma carga dramática, mas nem todos os eventos com tal carga podem tornar-se arte e história a passar de geração em geração. Estas histórias tornam-se as histórias da comunidade e representam os seus valores e tradições. Expressões simbólicas como música, dança, comemorações e feriados representam uma parte da comunidade que é transcendente e eterna, transportando valores que sobrevivem e permanecem como parte do espírito da comunidade (da atracção e processo de pertença à comunidade).

Os contornos das comunidades são assim muito determinados pela vida moderna, na qual a múltipla afiliação é baseada tanto nos territórios e tradições (bairros, cidades, zonas, país) como nos interesses (profissões, religião, participação em causas). Por outro lado, outros autores defendem uma dinâmica de sobreposição das diferentes dimensões que compõem o sentido de comunidade, num espectro que vai do negativo, neutro, até ao positivo (Brodsky & Marx, 2001), estabelecendo ligações simultaneamente com diferentes comunidades. Esta posição não exclui, no entanto, o modelo circular de auto-reforço mas antes, parece-nos, atribui-lhe uma marca de simultaneidade na sua dinâmica de influência mútua. A todo o momento, os vários elementos do sentido de comunidade estão em jogo e reorganizam o significado e propósito que estes diferentes atributos adquirem numa gestão e redireccionamento do investimento feito pelas pessoas nas suas diferentes comunidades, e destas no aprovisionamento de condições que actualizam a atractividade para os seus membros.

É sugerido por alguns autores que as diferenças no sentido de comunidade podem ser entendidas como o grau com que as pessoas se identificam com a(s) comunidade(s) (Puddifoot, 1995, 1996; Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002^a, 2002^b, 2002^c; Obst & White, 2004^a)¹⁵. Considerando as possíveis diferentes comunidades a que uma pessoa pertence, decorrentes das diferentes responsabilidades, papéis, propósitos e interesses, devem verificar-se gradações na identificação, assim como no sentido de comunidade – sentidos de comunidade múltiplos (Obst & White, 2005). Wiesenfeld (1996) refere que ao longo do tempo, uma pessoa torna-se estudante, pai ou mãe e um(a) profissional, o que implica mudanças na identidade e na identificação que ocorrem concorrentemente com a ligação enquanto membro de comunidade(s). Deste modo, importa reflectir acerca da necessidade de conceptualizar a comunidade de forma a compreender a diversidade, o conflito e a mudança inerente ao cenário instável que caracteriza as sociedades actuais, em diversos domínios (social, cultural, demográfico, económico, político, legislativo, etc...) ¹⁶ e do ciclo de vida das pessoas. Estas, no seu processo de desenvolvimento e definição, vão-se identificando com outras pessoas, sítios, valores, comunidades, num mecanismo de renovação destes determinantes e, conseqüentemente, do investimento necessário a fazer nesses contextos. Mas, o que intervém na decisão das pessoas quanto ao grau de investimento e envolvimento a fazer nas suas comunidades?

¹⁵ Alguns estudos incorporaram medidas de identificação e verificaram que além da importância de considerar esta variável no estudo do sentido de comunidade, esta relevou-se ser uma dimensão separada das quatro teorizadas, tanto em comunidades geográficas como relacionais. Estes estudos apontam a relevância da utilização da teoria da identificação social para compreender as relações da identificação com o sentido de comunidade (Obst & White, 2004^a). Segundo esta teoria, quando uma pessoa está fortemente consciente da sua pertença ao grupo, e essa pertença assume um forte valor e significância emocional, diz-se que existe uma forte identificação endogrupal.

¹⁶ Mannarini e Fedi (2009) criticam a noção de comunidade que se baseia na assumpção de uma identidade indiferenciada, e enfatiza a unidade ao invés da diversidade, a espontaneidade em vez da mediação, emoções ao invés da razão, coesão e não o conflito e estabilidade mais do que a mudança. Parece essencial considerar que, numa sociedade globalizada e em crescente mutação caracterizada por estes diferentes aspectos na vida de uma pessoa (pessoal, profissional e socialmente) influenciam aquilo que esta procura nas comunidades, como as comunidades se definem, ou melhor, se vão redefinindo de forma a incluir um “programa atractivo” às diferentes pessoas.

Como regulam as pessoas o investimento que consideram dever dirigir às suas diferentes comunidades?¹⁷

1.6. Operacionalização de Sentido de Comunidade: Contextos, Metodologias e Instrumentos

Apesar da teoria de sentimento de comunidade ter sido desenvolvida a partir de dados recolhidos de um contexto de bairro, a teoria mostrou ser versátil na aplicação a diferentes comunidades geográficas e relacionais como: bairros ou blocos residenciais (Brodsky & Marx, 2001; Colombo, Mosso & DePiccoli, 2001; Kingston, Mitchell, Florin & Stevenson, 1999; Perkins, Florin, Rich, Wandersman & Chavis, 1990; Buckner, 1988; Chavis, Hogge, McMillan & Wandersman, 1986; Glynn, 1981, 1986), cidades (Davidson & Cotter, 1986; Hughey & Bardo, 1984), organizações (Pretty & McCarthy, 1991; Royal & Rossi, 1996; Hughey, Speer & Peterson, 1999), campus universitários (Lounsbury & DeNeui, 1996), congregações religiosas (Pargament, 1983, Kohls, Walach & Wirtz, 2009), comunidades religiosas (Miers & Fisher, 2002), juventude (Bateman, 2002; Pretty, Andrewes & Collet, 1994) comunidades de imigrantes (Sonn, 2002), bombeiros (Cowman, Ferrari & Liao-Troth, 2004); local de trabalho (Burroughs & Eby, 1998; Lambert & Hopkins, 1995; Klein & D’Aunno, 1986; Price, 1985; Wyers & Kaulukukui, 1984; Rothman, 1982), programas de reabilitação comunitária (Herman, Onaga, Pernice-Duca, Oh & Ferguson, 2005), comunidades internacionais de interesse (Obst, Zinkiewicz & Smith, 2002^a; 2002^b). Ao longo destes diversos contextos de estudo, a mesma questão colocada ao nível da definição de comunidade, mantém-se com o sentido de comunidade – estamos a falar da complexidade associada à expressão da sua experiência, da linguagem que o descreve e da fiabilidade na captação das idiossincrasias dos diferentes “territórios”.

O modelo teórico de McMillan e Chavis (1986) parece ter conseguido na conceptualização, bem como na linguagem, aproximar-se da experiência afectiva de “estar junto”. Mas uma outra questão se levanta: como a abordagem das comunidades pode ser feita de forma a captar a experiência das pessoas, as características e processos inerentes à constituição e dinâmica destes “territórios mentais”? Como a operacionalização do conceito em metodologias e instrumentos de medida poderá tornar-se o mais fiel possível à experiência de sentido de comunidade e à linguagem natural das pessoas?

Neste sentido, nomeadamente os estudos de natureza qualitativa, pelos métodos que encerram, proporcionam contributos importantes na captação da linguagem natural dos contextos de análise e dados relativos às características culturais, históricas e distintivas que compõem a experiência de comunidade. Como por exemplo, Rapley e Pretty (1999), usaram o método de análise

¹⁷ Retomaremos esta questão mais no capítulo 4. *Discussão*.

conversacional¹⁸ e verificaram que o termo comunidade é altamente particular e localizado, e que o termo sentido de comunidade é opaco no discurso, e quando se tornava mais claro para quem respondia, era decorrente do processo de interacção conduzido pelo entrevistador. A análise destes autores sugere que no processo de entrevista está implicada a construção mútua da noção analítica de sentido de comunidade, isto é, acontece uma negociação conjunta dos comprometerimentos *a priori* do investigador. Um outro exemplo é o estudo da localidade de *Seaside* conduzido por Plas e Lewis (1996) onde utilizaram uma metodologia qualitativa naturalista que prefere o uso de métodos como a entrevista, a observação e a análise de documentos, assumindo o peso do contexto e a experiência do entrevistador na implicação do significado.

Além de uma linguagem mais fiel, porque mais natural, à experiência de sentido de comunidade, os estudos qualitativos proporcionam caracterizações mais detalhadas dos contextos de análise, caracterizações culturais, definindo o sentimento de comunidade no seu tempo. Mas, a sua natureza de trabalho impede a comparação e generalização de resultados, o que lacuna a continuidade do espectro de investigação. Neste sentido, objectivando o incremento de uma linha estrutural condutora da investigação, define-se a opção por desenhos metodológicos quantitativos que permitem o trabalho de comparação com amostras normativas e uma potencial generalização dos resultados. No trabalho com grandes populações e recorrendo a instrumentos de medida como escalas e a análises estatísticas, os métodos quantitativos procuram preencher o objectivo da extracção de comunalidades transversais aos contextos e tendências, utilizando para isso instrumentos que procuram operacionalizar os conceitos em causa, não objectivando o seu esgotamento¹⁹.

Após a teorização de McMillan e Chavis (1986) diferentes percursos metodológicos se desenharam de forma a investigar a robustez do modelo e a sua viabilidade e adequação no contexto de diferentes comunidades.

O modelo teórico desenvolvido por McMillan e Chavis (1986) propõe a multidimensionalidade. Investigações anteriores à teorização de McMillan e Chavis (1986) verificaram essa multidimensionalidade como Doolittle e MacDonald (1978), Glynn (1981) ou Riger e Lavrakas (1981). Por outro lado, Buckner (1988) e Davidson e Cotter (1986) sugeriram a unidimensionalidade do conceito²⁰. Mas a discussão relativa à uni ou multidimensionalidade do conceito de sentimento de comunidade perdura. Assim, a investigação segue a linha de pesquisa

¹⁸ Captação do discurso natural e exclusão de categorias de análise *a priori*, respeitando a visão de mundo dos sujeitos (ver Rapley & Pretty, 1999).

¹⁹ Hill (1996) considera que a investigação deve ocupar-se também nos elementos comuns aos diferentes contextos, e se determinados itens se mantêm saturados em factores, podendo este ser um indicador de elementos comuns transversais e não específicos do contexto.

²⁰ É de considerar que qualquer resultado passa por decisões metodológicas, como são os desenhos qualitativos ou quantitativos e os instrumentos de análise. No que respeita aos instrumentos de medida é necessária a validação destes considerando o grau em que conseguem operacionalizar a experiência de comunidade e a saturação dos vários itens nas dimensões teorizadas.

para esclarecer as circunstâncias e linguagens que operacionalizam a experiência de sentimento de comunidade, e quais as tendências e os elementos comuns aos diferentes, possíveis, contextos de análise.

Long e Perkins (2003) procurando recolher os dados relativos à discussão dos processos metodológicos levados a cabo para analisar a experiência de sentimento de comunidade, esclarecem que Chavis, Florin, Perkins e Prestby, Rich e Wandersman desenvolveram o *Sense of Community Index* (SCI), apenas publicado por Perkins, Florin, Rich, Wandersman e Chavis (1990), medida desenvolvida de acordo com o modelo de McMillan e Chavis (1986)²¹. Este instrumento compõe 12 itens suportados na teoria de McMillan e Chavis (1986). Os resultados sugeriram a não confirmação empírica das quatro dimensões teorizadas (Perkins e col. 1990 citado por Long & Perkins 2003).

Chippuer e Pretty (1999) investigaram as propriedades do SCI em contextos de trabalho e de bairro, com adultos e jovens e, utilizando a análise de componentes principais verificaram quatro factores em contexto de bairro, embora os itens correspondentes às dimensões do SCI não correspondessem com os factores emergentes; em contexto de trabalho verificaram três factores e novamente, os itens dos factores não corresponderam com a distribuição no SCI – não consistência dimensional empírica (contexto para contexto) ou teórica (segundo a teoria de McMillan & Chavis, 1986). Os autores sugerem a consideração do SCI como instrumento unidimensional do sentido de comunidade, até que melhores itens sejam desenvolvidos e validados.

Quando é verificada evidência teórica e empírica para um constructo multidimensional, a análise confirmatória de dados é o procedimento apropriado para (des)confirmar o ajuste à estrutura teórica (Long & Perkins, 2003). E assim, Long e Perkins (2003) utilizando os dados de Perkins e col. (1990) aplicaram a análise factorial confirmatória para testar a hipótese de 1 factor e 4 factores, para ambas verificaram um fraco ajuste. Os autores voltaram aos dados originais e geraram uma nova medida de 8 itens – *Brief Sense of Community Index* a qual submeteram a análise factorial exploratória. Esta revelou 3 factores representados como *Social Connections* (Ligações Sociais), *Mutual Concerns* (Interesse Mútuo) e *Community Values* (Valores Comunitários). De seguida aplicaram uma análise factorial confirmatória que revelou moderado, a bom ajuste, ao longo dos índices. Os itens correspondentes às dimensões *Pertença e Influência* compilaram o factor *Ligações Sociais*, itens das dimensões *Satisfação de Necessidades e Influência* representaram o factor *Interesse Mútuo*, novos itens compuseram o factor *Valores Comunitários* que se referia à importância de ter sentido de comunidade. Pouca conceptualização teórica foi providenciada para a passagem para esta reestruturação das dimensões e limitada análise crítica foi trabalhada para

²¹ Long e Perkins (2003) esclarecem que Chavis, Hogge, McMillan e Wandersman (1986) são muitas vezes, erroneamente, considerados como os criadores do SCI, mas estes usaram os 46 itens da base do Projecto *New York City Block Booster* numa escala que foi chamada de *Sense of Community Profile*, a qual é maior e inclui outros construtos. Esta necessidade de esclarecimento revela um pouco a confusão envolvida na informação apresentada pelas várias investigações e a carente objectividade com que os dados foram apresentados.

identificar as limitações conceptuais das dimensões teorizadas originalmente por McMillan e Chavis (1986).

O objectivo desta linha de investigação focada na análise da validade do instrumento SCI na avaliação do sentido de comunidade pareceu uma necessidade decorrente do contexto, dada a exigência de coerência e esclarecimento quanto aos meios pelos quais se poderia aceder à experiência de sentido de comunidade. Na profusão de metodologias e análises psicométricas, novas dimensões surgiram e a linguagem que define os conceitos que caracterizam novas dimensões tornou-se um novo tema de debate. Afinal, à medida que novas dimensões/factores eram consideradas na caracterização da experiência de sentido de comunidade, novos referenciais teóricos pareceram ser necessários de forma a suportar a utilização de tais renomeações.

Prezza, Constantini, Chiarolanza & Di Marco (1999) desenvolveram, mais recentemente, a *Italian Sense of Community Scale (ISCS)*, uma adaptação da *Sense of Community Scale* (Davidson e Cotter, 1986) e aplicaram um análise factorial exploratória que identificou quatro factores. Os dois primeiros factores corresponderam a *Pertença e Ligações Emocionais Partilhadas* contendo itens que descreviam a ligação à comunidade; o segundo factor compilou itens correspondentes a *Satisfação de Necessidades e Influência*; o terceiro factor foi nomeado de *Social Climate* (Clima Social) e continha itens que reportavam à qualidade das relações interpessoais dentro da comunidade. Segundo Tartaglia (2006), Prezza e col. (1999) não estudaram a estrutura da escala profundamente e validaram a escala como uma medida unidimensional. Tartaglia (2006) reconsiderou a opção de Prezza e col. (1999) e reformulou teoricamente a versão quadridimensional de McMillan e Chavis (1986) para uma versão tridimensional caracterizada por: 1) satisfação de necessidades concretas no interior da comunidade (*Satisfação de Necessidades e Influência* proposto por McMillan & Chavis, 1986), uso dos recursos locais (*Use of Local Facilities* proposto por Riger, LeBailey & Gordon, 1981 cit. Prezza e col., 1999) e parcialmente a dimensão nomeada de *Social Concerns* (Interesses Sociais) (Long & Perkins, 2003); 2) ligação entre as pessoas e o ambiente físico (*Physical Rootedness* proposto por Riger & Lavrakas, 1981); 3) referente ao ambiente relacional (*Social Bonding* proposto por Riger & Lavrakas, 1981), à qualidade e quantidade de interacções entre as pessoas (*Ligações Emocionais Partilhadas* proposto por McMillan & Chavis, 1986) e ligações sociais (*Social Connections* proposto por Long & Perkins, 2003). Tartaglia (2006) assumiu que para se conseguir desenvolver ligações sociais, no qual o sentimento de comunidade é baseado, um requisito necessário é um estilo de vinculação seguro, uma base psicológica para estabelecer relações confiáveis que a Psicologia Comunitária atribui aos membros da mesma comunidade.

Tartaglia (2006) assumiu que esta estrutura multidimensional poderia ser validada para o ISCS, especificamente em 3 factores. Neste sentido conduziu uma análise exploratória que verificou

3 factores nomeados de 1) *Place Attachment* (Ligação ao Espaço); 2) *Needs Fullfilment e Influence* (Satisfação de Necessidades e Influência); 3) *Social Bonds* (Ligações Sociais). Posteriormente levou a cabo uma análise factorial confirmatória que verificou os 3 factores como uma boa medida de ajuste ao modelo. Este estudo providenciou suporte empírico para o modelo multidimensional de sentimento de comunidade. Long e Perkins (2003) identificaram também um conjunto de itens relacionados com *Ligação ao Espaço* mas decidiram excluí-los porque não consideraram esta dimensão relevante para o sentido de comunidade. Para Tartaglia (2006) o *Sentido de Comunidade* deve considerar a ligação com o ambiente físico, pois existe evidência que as estruturas das comunidades se relacionam com o desenvolvimento e manutenção do *Sentido de Comunidade* (Brodsky, O'Campo & Aronson, 1999) e por outro lado, porque a Psicologia Comunitária reconhece os locais como fontes de limites e recursos mas também como lugares de valores afectivos (Américo, Fedi & Roccato, 2000). Mas para Peterson, Speer e McMillan (2008) Tartaglia não providenciou evidência, a partir de uma análise factorial confirmatória de segunda ordem para demonstrar que os três factores deveriam ser considerados como representativos de um só constructo, o *Sentido de Comunidade*.

Algum tempo depois Peterson e col. (2008) criam novos itens e compilam uma nova medida, *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) baseada no modelo de McMillan e Chavis (1986) com 8 itens escritos pela positiva (Peterson, Speer & Hughey, 2006 citados por Peterson e col. (2008) e desenhados para considerar como referente o *neighborhood* (vizinhança ou bairro). Foi aplicada uma análise factorial confirmatória de primeira ordem onde verificaram melhor ajuste para o modelo de 4-factores - *Pertença, Influência, Satisfação de Necessidades e Ligações* - do que para o de 1-factor (BSCS total). A partir da análise factorial confirmatória de segunda ordem sugeriram que as dimensões teorizadas correspondentes aos quatro factores verificados poderiam ser consideradas como representativas de um só constructo, o sentido de comunidade. Estes resultados demonstraram robustez empírica na validação da BSCS e da teoria multidimensional de *Sentido de Comunidade*.

Os autores, a partir dos resultados deste trabalho, sugerem que questões acerca do modelo de McMillan e Chavis (1986) devem estar mais baseadas em fraquezas metodológicas do que na fraca capacidade descritiva do modelo, por outro lado avançam que os resultados validaram um modelo multidimensional do *Sentido de Comunidade*, o qual contradiz a validade de uma medida unidimensional como foi considerado com o SCI (Chipper & Pretty, 1999). Peterson e col. (2008) refutam a ideia de modificar os itens de SCI e recombina-los em outras subescalas, ou incluir itens nas escalas, para desta forma criar dimensões alternativas que melhor descrevam o *Sentido de Comunidade*. Apesar das advertências metodológicas que Peterson e col. (2008) fazem, estes não aplicaram uma análise exploratória de dados para descobrir a dinâmica de organização da sua medida e só depois procederem a análises factoriais confirmatórias de primeira e segunda ordem.

Este parece ser um ponto de necessário esclarecimento. Estudos posteriores devem considerar que esta aplicação aconteceu no contexto de bairro, pelo que outros contextos devem ser experimentados de forma a validar esta medida a um nível de coerência com o modelo teórico de base.

Enfatizando um pouco a discussão que se prende com as metodologias de investigação do sentido de comunidade e as implicações que as decisões metodológicas acarretam, importa salientar que apesar dos extremos na discussão da validade e adequação dos métodos qualitativos a este contexto de análise, a linguagem como veículo de transmissão e comunicação entre sujeitos, é fundamentalmente um problema. Assim como referem Rapley e Pretty (1999) a Psicologia Comunitária enveredou na quantificação e medida de estados mentais hipotéticos, como o Sentido de Comunidade, sem teorizar a linguagem como nada mais do que um meio de troca acontextual. A posição destes autores evidencia a necessidade de considerar a linguagem como uma distinção do território e não apenas como um veículo informativo, e isto serve a todo o espectro que compila métodos quantitativos e qualitativos.

Posto isto, e salvaguardando os princípios do *empowerment* das comunidades, da consideração das realidades socialmente construídas e do estabelecimento de continuidade na investigação, é urgente que estes pontos no espectro de estudo das comunidades se aliem e conjuguem na constituição de abordagens integradas e informativas.

1.7. Determinantes no Sentido de Comunidade: Variáveis de Nível Micro e Macro

Numa vertente de reflexão e análise dos determinantes ecológicos, a consideração da comunidade e da experiência nutrida pelas pessoas na interacção no seu contexto da comunidade, levantam-se questões relativas às circunstâncias e variáveis que condicionam a experiência de Sentido de Comunidade e às condições de vida na comunidade.

A relevância atribuída à experiência de sentido de comunidade gerou diversas linhas de investigação, a análise de diferentes contextos com aplicações de diferentes metodologias. Neste cenário, diferentes variáveis aparecem associadas com níveis micro e, por outro lado, níveis macro de influência no *Sentido de Comunidade*²².

Ao nível macro (características do ambiente físico e social), diferentes variáveis foram sendo investigadas como a densidade populacional, sobrelotação, tamanho da população, número de

²² Neste documento opta-se pela distinção entre micro e macro variáveis, mas outras nomeações foram já utilizadas como: variáveis intra e extra individuais e variáveis individuais e comunitárias. A opção fundamenta-se no nível da linguagem ecológica e da abrangência e coerência com o tema que esta compreende. Dada a diversidade de tipologias utilizadas a confusão na sua pesquisa e utilização parece uma ameaça à consistência e coerência dos documentos desenvolvidos a este nível. Neste sentido, procurámos seleccionar alguns exemplos e inclui-los na distinção referida, assumido o risco de poder não ser de todo a mais adequada. Esta é uma tentativa de agregação dos diferentes dados numa tipologia de micro e macro variáveis que se situa num referencial ecológico de análise.

unidades habitacionais e heterogeneidade étnica, variáveis estas consideradas como factores geradores da deterioração e perda do *Sentido de Comunidade* (Worth, 1938 citado por Sagy, Stern & Krakover, 1996). Por outro lado, verificou-se que sistemas menos lotados e homogéneos pareceram relacionados com uma maior presença de ligação à comunidade (ex. Christenson, 1983 cit. Sagy e col. 1996).

Naser e Julian (1995 citados por Prezza, Amici, Roberti & Tedeschi, 2001) verificaram um elevado Sentido de Comunidade em pessoas residentes em prédios com pátio interior e menor sentido de comunidade nos prédios com pátio exterior. Observaram também um maior Sentido de Comunidade para os espaços de uso misto do que para espaços de uso individualizado.

Plas e Lewis (1996) realizaram estudos em *Seaside*, uma cidade desenhada para promover o *Sentido de Comunidade*, as características dos ambientes como espaços verdes e os limites de tráfego estavam relacionadas com estabelecimento de laços sociais mais fortes entre os habitantes.

Torri (1998 citados por Prezza e col. 2001) observou uma relação entre uma tradição popular e o *Sentido de Comunidade*. Esta investigadora comparou o *Sentido de Comunidade*, o grau de vizinhança e a satisfação com a vida em duas pequenas localidades italianas. Ambas as localidades têm um centro medieval com casas bem preservadas. Uma delas, há 20 anos, prepara um teatro popular todos os verões, que repete ao longo de quinze dias e em que metade dos habitantes está directamente envolvida no show, ou indirectamente em actividades ao longo daquele período. Ambas as localidades revelaram elevado grau de vizinhança, satisfação com a vida e sentido de comunidade, mas a cidade com o evento de teatro anual revelou maior sentido de comunidade que a outra cidade.

Prezza e Constantini (1998) num estudo desenvolvido em Itália verificaram que, numa pequena localidade, o sentido de comunidade se relacionava com a satisfação com a vida, auto-estima e suporte social percebido, enquanto numa cidade grande nenhuma relação entre estas variáveis foi verificada. Obst, Smith e Zinkiewicz (2002^c) apuraram também que a região parece ser um forte preditor do *Sentido de Comunidade*: este era mais elevado em áreas rurais, do que regionais ou urbanas.

Collins e Kearns (2010) desenvolveram um estudo longitudinal no qual verificaram que o desenvolvimento de “autocarros a pé”²³ para a escola aumentou o nível de participação, apesar da actividade se manter concentrada nos bairros “mais saudáveis”. Os pais coordenadores desta experiência verificaram benefícios ao nível do *Sentido de Comunidade*, oportunidade de promoção da saúde, redução do uso do carro e congestionamento local e redução de possíveis prejuízos para as crianças que andam a pé sozinhas.

²³ Ou *Pedibus*, significa que as crianças fazem a pé e em conjunto o percurso para a escola, acompanhadas, à vez, por um familiar.

Apesar dos exemplos, ainda não existem muitas investigações que estudem mais aprofundadamente a relação entre o *Sentido de Comunidade* e o planeamento urbano, a arquitectura e as características sociais da comunidade. Outros conceitos têm sido usados ao invés do sentido de comunidade, como a ligação ao bairro e a satisfação na comunidade (Prezza, e col. 2001).

No nível micro (características pessoais, relações das pessoas e com as estruturas do ambiente) foram investigadas a satisfação dos residentes com a sua unidade habitacional e com os serviços públicos do local, onde o *Sentido de Comunidade* se revelou um forte preditor da satisfação no bairro, especialmente em áreas urbanas (ex. Fried, 1982 cit. Sagy e col. 1996).

Numa investigação conduzida em Itália (Prezza e col. 2001) verificaram que o maior preditor do *Sentido de Comunidade* é a relação de vizinhança, no entanto, os anos de residência, ser casado, a participação na comunidade e a zona de residência mostraram ser variáveis com correlação positiva bastante significativa também. Observaram correlações positivas do *Sentido de Comunidade* com a idade (correlação verificada também por Prezza e Constantini, 1998), anos de residência (também verificada por Pretty, Conroy, Dugay, Fowler & Williams, 1996 cit. Prezza, e col. 2001), número de filhos, se vive com alguém (companheiro/a) e com a participação em grupos ou associações. Prezza, Amici, Roberti e Tedeschi (2001) averiguaram também que ter filhos em idade escolar aumenta o *Sentido de Comunidade*, resultado também verificado por Hedges e Kelly (1992 cit. Prezza, e col. 2001).

Tartaglia (2006) verificou diferentes dimensões das teorizadas por McMillan e Chavis (1976) e cada uma delas, relacionada a diferentes determinantes: *Satisfação de Necessidades e Influência* apareceu relacionado com “dar uma volta”, ir a sítios públicos e trabalhar; *Ligação ao Espaço* apareceu relacionado com a grau de educação, familiaridade com o ambiente físico, tempo de residência e o hábito de andar e explorar o bairro; *Ligações Sociais* relacionaram-se com o número de filhos na família²⁴ (correlação também verificada por Obst, Smith & Zinkiewicz, 2002^e). Neste estudo, o facto de ser mulher estava relacionado com maior *Sentido de Comunidade*. Tartaglia (2006) também averiguou a influência do estilo de vinculação no *Sentido de Comunidade*, mas verificou pouco poder explicativo.

O envolvimento e as relações sociais estabelecidas na comunidade são também variáveis estudadas de nível micro e com correlação positiva verificada com o *Sentido de Comunidade* (Pretty, Andrews & Collett, 1994).

A consideração deste tipo de variáveis, micro e macro, associadas aos ambientes e à qualidade de vida das pessoas nas suas localidades já revelou a sua importância. Carentes são ainda os estudos que congreguem as diferentes áreas de trabalho e os diversos conceitos numa linguagem

²⁴ Durante o tempo que a família tem de cuidar dos seus filhos, os cuidadores parecem desenvolver ligações fortes no seio da comunidade de residência, com a escola, com os cuidadores dos amigos dos seus filhos, e outras figuras da comunidade.

comummente partilhada e no desenho de intervenções cada vez mais conscientes dos impactos que podem implicar nas pessoas e nos seus ambientes.

A distinção entre micro e macro determinantes, parece-nos, deve ser considerada como um referencial ao nível das intervenções no Sentido de Comunidade, pois se assumimos que o objectivo último é ter indivíduos com sentido de comunidade positivo que vivem em comunidades que possuem os recursos para providenciar benefícios aos seus habitantes em troca de investimentos e compromissos, então a questão parece residir em como alcançar esse objectivo. Como poderão ser levadas a cabo intervenções ao nível micro? Ou poderão as alterações ao nível macro conduzir a mudanças nos níveis micro?

Segundo Brodsky, O'Campo e Aronson (1999) variáveis como o recenseamento e o voto, índices de emprego e densidade populacional podem ser uma chave para impulsionar o Sentido de Comunidade. Nesta linha de raciocínio, proporcionar emprego e condições de integração numa vida activa, podem ser vias a tomar de forma a proporcionar um maior Sentido de Comunidade. O que estes autores sugerem é, em vez de ser o nível micro/individual a absorver a responsabilidade e o risco de tornar a comunidade mais saudável e atractiva, devem ser consideradas como alvo as variáveis macro/comunidade.

Assim, intervenções na comunidade, como ao nível do planeamento de território, gestão dos espaços, políticas de apoio à família, ao emprego, à imigração podem disponibilizar uma base fortificada de recursos disponíveis na comunidade e a aprovisionar o nível individual. Isto acontece pelo incremento da satisfação de necessidades naquele local, pela crença desenvolvida pelas pessoas nos mecanismos e equipamentos da comunidade e no interesse que dedicam aos seus membros, constituindo-se circunstâncias que potenciam o investimento das pessoas na sua comunidade, favorecendo a sua pertença, o contacto mútuo e a construção de uma narrativa partilhada.

Com refere Hill (1996), se conseguirmos aprender que aspectos da comunidade fortificam o Sentido de Comunidade, e aprendermos a incrementar esses aspectos talvez não tenhamos de nos preocupar com problemas específicos e intervenções para lidar com eles. Iremos estar concentrados na co-construção de comunidades saudáveis e competentes e invocar a comunidade a formar indivíduos saudáveis, adaptados.

2. Metodologia

2.1 *Design* e Objectivos de Investigação

O âmbito desta investigação centra-se na adaptação de um instrumento que pretende operacionalizar o *Sentido de Comunidade*, denominado de *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) e adaptada a partir do inglês *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) (Peterson, Speer e McMillan, 2008) com base na Teoria de Sentido de Comunidade de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996).

Detalhando os objectivos deste Projecto de Investigação, podemos distinguir três fases: 1) caracterização da amostra 2) processo de adaptação da *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) e *Escala de Importância da Comunidade* (EIC); 3) análise de correlações significativas entre *Importância da Comunidade*, *Sentido de Comunidade* e dados sócio-demográficos.

No processo de investigação procurar-se-á responder de alguma forma às seguintes questões de investigação: Q.1. Será que o *Sentido de Comunidade* é corroborado nesta investigação, como um conceito multidimensional tal como defendido pela teoria de base, ou unidimensional? Q.2. Será que a estrutura quadridimensional da *Brief Sense of Community Scale* de Peterson e col. (2008) composta com 8 itens, cada 2 correspondentes a 1 dimensão, se verifica na versão portuguesa? Q.3. Será a *Escala de Importância da Comunidade* fidedigna? Q.4. Haverá relação estatisticamente significativa entre a variável *Importância da Comunidade* e o *Sentido de Comunidade*, ou especialmente com alguma dimensão? Q.5 Quais as variáveis sócio-demográficas que estarão relacionadas com o *Sentido de Comunidade*, a(s) dimensão(ões) verificada(s) e com a *Importância da Comunidade*?

2.2. Instrumentos Utilizados

Nesta investigação foram utilizados dois instrumentos: a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) e a *Escala de Importância da Comunidade* (EIC) (Moreira e Lind, não publicada)²⁵. Antes da apresentação de cada escala são enunciadas algumas instruções para a resposta onde é salientada a importância de responder a todos os itens, considerando a sua área de residência, bairro ou comunidade local, constituindo o referente comunidade geográfica ou territorial (vd. apêndice 1 e 2). Houve especial atenção em manter alguma diversidade no vocabulário que pudesse ser associado ao território da comunidade, para assegurar que as pessoas conseguiriam, mais facilmente, identificar o contexto em questão.

²⁵ As escalas referidas serão apresentadas de seguida.

2.2.1 Escala Breve de Sentido de Comunidade

A *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBSC) é uma adaptação feita de *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) (Peterson e col., 2008) (vd. Anexo 1). A BSCS foi validada numa comunidade residencial dos Estados Unidos (N=293). A partir de uma análise factorial confirmatória verificaram as quatro dimensões teorizadas por McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996), com bons índices de validade (Quadro 1). Dois tipos de análises foram conduzidos: análises confirmatórias de primeira ordem (análise de 1 factor e análise de 4 factores) e segunda ordem (as 4 dimensões eram consideradas como representando um constructo fundamental, o Sentido de Comunidade com uso de AMOS 4.0. (Quadro 1)

Quadro1: Análise da *Brief Sense of Community Scale*

Análise Confirmatória de Segunda Ordem			Medidas de validade	
Valores de Correlação dos Itens com as Dimensões	Correspondentes	Valores de Correlação com Sentido de Comunidade	Alfa de Cronbach	Média e desvio-padrão
BSCS1	.77	Satisfação de	.68	.86
BSCS2	.97	Necessidades		
BSCS3	.95	Pertença	.94	4.18; .92
BSCS4	.93			
BSCS5	.84	Influência	.77	3.50; .87
BSCS6	.75			
BSCS7	.92	Ligações Emocionais	.87	3.91; .89
BSCS8	.85			
Total			.92	3.81; .79

Os autores levaram também a cabo um conjunto de correlações parciais entre as subescalas de BSCS e variáveis consideradas relevantes (participação na comunidade, *empowerment*, saúde mental e depressão). Variáveis demográficas como idade, género, educação e rendimento serviram como covariantes na análise de correlações parciais.

A versão portuguesa de BSCS, *Escala Breve de Sentido de Comunidade*, cumpriu algumas fases no decorrer do processo de adaptação para a língua portuguesa: tradução por duas pessoas de nacionalidade portuguesa, fluentes no inglês, apenas uma delas, conhecedora do tema; síntese de ambas as versões com o acompanhamento e análise por parte de pessoas conhecedoras do tema; retroversão por uma pessoa portuguesa, mas habitante nos Estados Unidos da América; discussão e decisão final entre pessoas ligadas ao tema; pré-teste a cinco pessoas de diferentes idades. Seguidas estas fases de adaptação da medida passou-se à composição de todo o suporte e compilação dos diferentes instrumentos a aplicar às pessoas participantes. A EBSC mantém o formato original de 8 itens que compõem as quatro dimensões verificadas por Peterson e col. (2008) (vd. Quadro 2). A sua

escrita foi feita na forma positiva como sugerido por Peterson, Speer e Hughey (2006 citados por Peterson e col. 2008) e respondidos numa escala de *likert* de 5 pontos desde *discordo fortemente* (1) até *concordo fortemente* (5), concordante com a BSCS (Peterson e col., 2008).

Quadro 2: *Escala Breve de Sentido de Comunidade*

Conceito	Item	Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC)
Satisfação de Necessidades	EBSC1	Eu consigo obter o que necessito desta comunidade.
	EBSC2	Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.
Pertença	EBSC3	Sinto-me como um membro desta comunidade.
	EBSC4	Eu pertenço a esta comunidade.
Influência	EBSC5	Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade.
	EBSC6	As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras.
Ligações Emocionais	EBSC7	Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade.
	EBSC8	Eu tenho bons laços com outros nesta comunidade.

2.2.2 Escala de Importância da Comunidade

A *Escala de Importância da Comunidade* (EIC), apresentada neste projecto pela primeira vez, foi construída por João Moreira e Wolfgang Lind com base numa reflexão sobre zonas de residência ou bairros apenas utilizados com a função de dormitório, na qual a zona de residência passaria apenas pela garantia de habitação. Outras actividades e/ou outros papéis sociais são, possivelmente, desempenhados fora desta zona. Numa zona de residência dormitório, o sentido de comunidade não será forte, parece-nos, dado que o envolvimento, a ligação e as oportunidades de contacto com esta comunidade são, provavelmente, mais reduzidas. Queremos com isto chegar à importância relativa atribuída à comunidade pelos seus habitantes, como um factor preponderante a considerar na análise do sentido de comunidade. Assim, a função e a importância que a comunidade assume para a pessoa influenciaria o seu grau de envolvimento e investimento nessa comunidade, assim como os sentimentos que nela desenvolve e os motivos pelos quais se identifica com esta.

A *Escala de Importância da Comunidade* é apresentada no Quadro abaixo.

Quadro 3: *Escala de Importância da Comunidade*

Conceito	Item	Escala de Importância da Comunidade (EIC)*
Importância da Pertença	EIC1	Até que ponto a pertença à sua área de residência é importante na sua identidade pessoal?
Importância do Contacto Social	EIC2	Até que ponto as pessoas que conhece na sua área de residência constituem uma parte importante da sua vida social?

*Apresentação numa escala de *likert* de 5 pontos: *nada importante* (1) até *extremamente importante* (5).

Os seus itens parecem estar relacionados com o que podemos definir como: 1) a *Importância da Pertença* revista no papel que a comunidade assume na identidade da pessoa; 2) *Importância do Contacto Social* por via dos contactos sociais e a das relações estabelecidas com a comunidade e

suas pessoas.

2.3. Seleção da Amostra e Recolha de Dados

A amostra participante nesta investigação foi recolhida a partir de estudantes do curso de Psicologia por duas vias: apresentação do projecto de investigação aos estudantes do 1º ano do curso e pedido de colaboração que consistia na entrega de um envelope a uma pessoa sua familiar, com os seguintes requisitos: ser maior de 18 anos, sem diagnóstico de perturbações do foro psiquiátrico, os próprios não poderiam responder (apenas conhecidos, amigos) e no caso de famílias, só poderia responder um elemento do agregado familiar. Por outro lado, procurou-se a colaboração de outros estudantes finalistas que pudessem também alargar o âmbito da participação. Apelou-se a que a participação pudesse ser feita de forma abrangente, territorialmente, a incluir Portugal continental e ilhas.

O protocolo entregue a cada pessoa participante continha o termo de consentimento informado, um questionário sócio-demográfico e um conjunto de escalas, nomeadamente, a *Escala Breve de Sentido de Comunidade*, a *Escala de Importância da Comunidade* (Moreira & Lind, não publicado) a *Escala de Provisões Sociais* (Cutrona & Russel, 1987; adaptação por Moreira & Canaipa, 2007), e a *Escala de Satisfação com a Vida* (Diener, Emmons, Larson & Griffin, 1985 adaptação por Neto, Barros & Barros, 1990)²⁶, bem como uma breve explicação do projecto em curso com os contactos das pessoas responsáveis (vd. Apêndice 3). Os documentos foram recolhidos de Novembro de 2008 até Janeiro de 2009 e a base de dados constituída, de modo a ser submetida às necessárias análises com recurso ao SPSS 16.0 para Windows.

2.3.1 Caracterização da Amostra

Foi construído um questionário sócio-demográfico com o intuito, não só de caracterizar e situar a amostra, mas também procurar perceber se características específicas consideradas se relacionam e interferem com a variável *Sentido de Comunidade e Importância da Comunidade*.

No processo de determinação da amostra válida, optou-se pela exclusão dos *outliers* constituindo-se assim uma amostra de 261 pessoas (N=261 e N=262 em Gonçalves, 2009), das quais 249 com nacionalidade portuguesa. Esta amostra é composta 158 mulheres (60,5%) e 103 homens (39,5%), com idades compreendidas entre os 18 e os 75 anos, distribuídas/os por todos os distritos do país e ilhas, com maior incidência em Lisboa (N=158, 60,5%) e Setúbal (N=38, 14,6%). Os inquiridos distribuem-se por zonas urbanas (N=167, 64%), suburbanas (N=56, 21,5%) e rurais (N=38, 14,6%), vivendo na mesma área entre 1 até 65 anos. Considerando o estado civil, 141

²⁶ As duas últimas escalas não foram integradas neste projecto de investigação, ficando antes ao cuidado de Gonçalves (2009) que as utilizou noutro estudo, tendo averiguado o efeito da variável *apoio social percebido* como mediadora entre as variáveis *sentido de comunidade* e a *satisfação com a vida*.

peças inquiridas são casadas (54%), 84 são solteiras (32,2%) e as restantes vivem em união de facto, separação, divórcio ou viuvez. A dimensão do agregado familiar mais expressiva é a de 4 elementos (N=112, 42,9%), seguida de 3 elementos (24,1%) sendo que as restantes pessoas estão inseridas em agregados com 1 a 7 elementos. 168 pessoas têm filhos (64,4%) e 93 não têm (35,6%), podendo analisar-se o número de filhos de cada agregado no Quadro 4.

Quadro 4 – Número de filhos do agregado familiar

Número de filhos(as)	Frequência
0	N=93 (35,6%)
1	N=50 (19,2%)
2	N=95 (36,4%)
3	N=16 (6,1%)
4 ou mais	N=7 (2,7%)
Total	N=261

No que respeita ao número de filhos coabitantes, verifica-se que as pessoas inquiridas têm mais filhos coabitantes na faixa dos 11 aos 18 anos (N=85) e maiores de 18 anos (N=80). Apenas 24 crianças estão em idade não escolar (0 a 5 anos). Verifica-se um aumento no número de filhos coabitantes com o aumento da idade, apesar de os maiores de 18 anos serem menos que aqueles entre os 11 e os 18 (Quadro 5).

Quadro 5 – Número de filhos coabitantes com o agregado familiar

Nº de filhos coabitantes	0 – 2 anos	3 – 5 anos	6 – 10 anos	11 – 18 anos	> 18
Nenhum	248	250	235	176	181
1	13	10	20	51	58
2	0	1	6	33	21
3	0	0	0	1	1
Total	261	261	261	261	261

Considerando agora a escolaridade, observa-se que a generalidade dos inquiridos possui qualificações elevadas, desde o ensino secundário completo (31,8%) até à licenciatura (32,2%) e ao ensino pós-graduado (6,1%). Ainda assim, 17,2% apenas completou o 9º ano e 12,6% não o chegaram a concluir. O Quadro 6 apresenta a distribuição dos respondentes segundo o grupo profissional em que se inserem. Sendo assim, a maioria dos inquiridos são técnicos e profissionais de nível intermédio (21,8%), seguidos de quadros superiores e dirigentes (18,4%), depois os especialistas das profissões intelectuais e científicas (18%) e técnicos administrativos e similares (15,3%). Das 261 pessoas participantes, pouco mais de metade (55,2%) trabalha na localidade de residência e 142 praticam actividades como voluntariado, lazer, desporto, com ligação à religião, ou outras no seu bairro ou comunidade local. No que respeita à sua orientação religiosa, a maioria considera-se católica (78,9%), sendo apenas 14,6% quem se assume como não tendo religião

(14,6%), e 6,5% admitem seguir outra fé que não a católica. No entanto, apenas 32,6% dos indivíduos que se revelam religiosos, realmente praticam as suas crenças no dia-a-dia.

Quadro 6 – Distribuição da amostra por grupo profissional

Grupos Profissionais	Frequência
G.1(Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas)	N=48 (18,4%)
G.2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas)	N=47 (18%)
G.3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio)	N=57 (21,8%)
G. 4 (Pessoal Administrativo e Similares)	N=40 (15,3%)
G. 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores)	N=22 (8,4%)
G. 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas)	N=0 (0%)
G.7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares)	N=13 (5%)
G.8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem)	N=7 (2,7%)
G.9 (Trabalhadores Não Qualificados)	N=27 (10,3%)
Total	N= 261 (100%)

3. Apresentação de Resultados

3.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade

3.1.1 Consistência Interna e Medidas de Tendência Central de EBSC

De modo a compreendermos em que medida a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* representa o *Sentido de Comunidade*, recorreu-se a técnicas estatísticas de validação da mesma. O *Alfa de Cronbach* permite avaliar a consistência interna de um conjunto de itens agregados e a sua aplicação na escala EBSC apresenta uma elevada consistência interna ($\alpha=.82$) indicando assim a boa fiabilidade da medida do *Sentido de Comunidade*, ainda que este valor de *alfa* não tenha sido tão elevado como o que sucede com a escala original de Peterson, Speer e McMillan (2008) ($\alpha=.92$).

Verificada a diferença na consistência interna entre BSCS (escala original) e EBSC procederemos a uma análise factorial em componentes principais de modo a averiguar a estrutura interna da escala relativamente às dimensões que a caracterizam. É ainda de recordar que Peterson e col. (2008) detectaram a existência de quatro dimensões ou componentes subjacentes ao Sentido de Comunidade, nomeadamente a *Pertença* (EBSC3 e EBSC4), a *Satisfação de Necessidades* (EBSC1 e EBSC2), a *Influência* (EBSC5 e EBSC6) e as *Ligações Emocionais* (EBSC7 e EBSC8).

Deve também referir-se que a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* não foi submetida a critérios de validade externa dada a inexistência, até ao momento, de instrumentos possíveis de comparabilidade de resultados (EBSC será utilizada como medida de validade de critério externo na validação de *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale (MTSOCS)* por Glória (no

prelo)).

3.1.2 Validade de Constructo : Análise Factorial Exploratória

3.1.2.1– Método de Análise de Componentes Principais

Entramos agora na fase 2 de descoberta da estrutura da medida portuguesa de Sentido de Comunidade da EBSC. A aplicação de uma análise factorial exploratória segundo o método de extracção de componentes principais (ACP), deve obedecer a pré-requisitos que confirmem a sua validade e que são verificáveis através dos testes de *Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* (KMO) de esfericidade de *Bartlett* (Pestana & Gageiro, 2008). O valor dado pelos referidos testes é suficiente para assegurar a validade do método aplicado (KMO = 0,834 indicando elevado nível de correlação entre os 8 itens e *Bartlett* ($\chi^2_{(28)} = 967,354$, $p=0,00$) reforçando a correlação entre os itens pela verificação de que a matriz de correlações não é uma matriz identidade.

3.1.2.2 Correlações Inter-item EBSC e Paralelismos com BSCS

A partir da análise das correlações inter-itens poderemos procurar antever se as dimensões verificadas na *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) se mantêm na versão portuguesa.

Quadro 7. Correlações inter-item da *Escala Breve de Sentido de Comunidade*

	EBSC1	EBSC2	EBSC3	EBSC4	EBSC5	EBSC6	EBSC7	EBSC8
EBSC1	-	,68(**)	,43(**)	,28(**)	,21(**)	-,01	,34(**)	,36(**)
EBSC2		-	,53(**)	,38(**)	,30(**)	-,01	,46(**)	,38(**)
EBSC3			-	,78(**)	,40(**)	,17(**)	,77(**)	,53(**)
EBSC4				-	,38(**)	,17(**)	,75(**)	,50(**)
EBSC5					-	,18(**)	,37(**)	,40(**)
EBSC6						-	,19(**)	,21(**)
EBSC7							-	,58(**)
EBSC8								-

** A correlação é significativa $p<0.01$

Considerando que os itens EBSC5 e EBSC6 operacionalizam a mesma dimensão teórica, *Influência*, na BSCS (Peterson e col., 2008), seria de esperar que estes itens tivessem melhores correlações entre si relativamente aos restantes itens, o que não se verifica com nenhum deles. Neste seguimento, repare-se na dinâmica de correlação do item EBSC5 “Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade”, com os restantes itens, e verifique-se que este apresenta o menor valor de correlação com o item EBSC6 (a mais elevada correlação é com EBSC3 e EBSC8). No que respeita ao item EBSC3 a correlação mais elevada é com o item EBSC4 “Eu pertenço a esta comunidade” (estes itens constituíam a dimensão *Pertença* em Peterson e col, 2008).

Quanto ao item EBSC7 “Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade” verifica-se que tem o mais elevado valor de correlação com o item EBSC3 seguido de EBSC4, e não com EBSC8 “Eu tenho bons laços com outros nesta comunidade” (item com o qual operacionalizava a dimensão *Ligações Emocionais Partilhadas* em Peterson e col. (2008)). Já se considerarmos os valores de correlação do item EBSC8 “Eu tenho bons laços com outros(as) nesta comunidade”, este apresenta o valor mais elevado de correlação com o item EBSC7 e seguidamente também com EBSC3. Os itens EBSC1 “Eu consigo obter o que necessito desta comunidade” e EBSC2 expressando o mais elevado valor de correlação entre si, tal como na BSCS na operacionalização da dimensão *Integração e Satisfação de Necessidades*.

Verificámos, a partir desta análise inter-item que, possivelmente, não verificaremos as mesmas dimensões extraídas por Peterson e col. (2008). A partir da extracção de factores vamos, de seguida, observar como os itens se organizam.

3.1.2.3 Extracção de Factores

Pelo critério de Kaiser²⁷ podem observar-se dois valores próprios maiores que 1, o que significa que vamos reter 2 factores (Q.1) (Quadro 8).

Quadro 8 – Análise da Variância Total Explicada pelos Componentes da EBSC

Componentes	Valores próprios			Extracção da soma dos quadrados dos <i>loadings</i>		
	Total	% da Variância	% Cumulativa	Total	% da Variância	% Cumulativa
1	3,909	48,862	48,862	3,909	48,862	48,862
2	1,228	15,347	64,209	1,228	15,347	64,209
3	,841	10,511	74,720			
4	,731	9,135	83,856			
5	,552	6,897	90,753			
6	,312	3,898	94,650			
7	,235	2,932	97,582			
8	,193	2,418	100,000			

Os dois factores extraídos explicam 64,209% da variância cumulativa, em que o primeiro tem valor próprio de 3,909 (explica 48,862% da variância total) e o segundo tem valor próprio de 1,228 (15,347% da variância total).

Passando agora à análise da matriz de componentes (Quadro 9) verificamos que numa primeira distribuição a opção tende para a composição da componente 1 com os itens EBSC1, EBSC2, EBSC3, EBSC4, EBSC5, EBSC7, e EBSC8 e a componente 2 com o item EBSC6. Mas considerando que os itens EBSC1 e EBSC2 possuem valores intermédios em ambas as

²⁷ Segundo Pestana e Gagueiro (2008), para $K \leq 30$ deve usar-se o critério de Kaiser, pelo qual se escolhem os factores cuja variância explicada é superior a 1 (valores próprios > 1)

componentes, significa que estes poderiam compor também a componente 2, o que levanta problemas de interpretação. Nestas situações é aconselhável a rotação das variáveis de modo que os factores sejam mais facilmente interpretáveis²⁸. Após uma rotação ortogonal *varimax* (procedimento recomendado para análises de dados em ciências sociais e humanas (Child, 2006)), verifica-se claramente, que os itens que saturam a componente 1 são EBSC3, EBSC4, EBSC5, EBSC6, EBSC7 e EBSC8 e a componente 2, EBSC1 e EBSC2 (Q.2).

Quadro 9: Matriz de Componentes Antes e Após Rotação

Itens	Sem rotação		Após rotação	
	Componentes		Componentes	
	1	2	1	2
EBSC1	,603	-,603	,267	,809
EBSC2	,694	-,528	,383	,784
EBSC3	,883	,067	,819	,337
EBSC4	,817	,220	,829	,171
EBSC5	,553	,195	,582	,075
EBSC6	,238	,675	,517	-,496
EBSC7	,855	,160	,835	,242
EBSC8	,723	,117	,699	,221

Método de rotação: *Varimax* com normalização *Kaiser*. Rotação convertida em 3 iterações

A partir destes resultados podemos passar à constituição dos dois factores e sua validação com as medidas de consistência interna e caracterização com as medidas de tendência central e de correlação. Numa fase seguinte procederemos à análise de correlações com as variáveis demográficas.

De acordo com os resultados da análise factorial, procedeu-se à composição dos factores através das médias dos itens que o compõem, em que o factor 1 resulta da média dos itens EBSC3, EBSC4, EBSC5, EBSC6, EBSC7, EBSC8 ($X= 3,46$ e $\delta=.724$; $\min=1,33$ e $\max=5,00$) com elevada consistência interna ($\alpha=.82$). De um ponto de vista interpretativo, este factor vem associar três dimensões teóricas da *Brief Sense of Community Scale* (*Pertença, Influência e Ligações Emocionais Partilhadas* (Peterson e col. 2008), operacionalizando um só factor, que vamos nomear de *Envolvimento*²⁹. Por seu lado, o factor 2 é composto pelas médias dos itens EBSC1 e EBSC2 ($x=3,44$ e $\delta=.84$; $\min=1,00$ e $\max=5,00$) e apresenta igualmente uma consistência interna elevada ($\alpha=.81$). Nesta situação, a dimensão teórica que se encontra subjacente diz respeito à *Integração e Satisfação de Necessidades* (Peterson e col. 2008).

Consideradas as diferenças entre EBSC e BSCS na definição teórica das dimensões, vamos prosseguir com um estudo mais aprofundado da consistência interna da escala total e de cada factor

²⁸ Os métodos de rotação tornam as saturações elevadas, ainda mais elevadas e as mais baixas ainda mais baixas, procurando fazer desaparecer os valores intermédios (Pestana e Gagueiro, 2008).

²⁹ A sua definição será discutida no capítulo seguinte.

extraído, se retirado cada item (Quadro 10).

Quadro 10 : *Alfas de Cronbach de EBSC*

Itens EBSC	<i>Alfa da EBSC ($\alpha=.83$) se item retirado</i>	Factores	<i>Alfa de Cronbach do Factor se item retirado</i>
EBSC1	0,82	Satisfação de Necessidades ($\alpha=.81$)	0,81
EBSC2	0,81		
EBSC3	0,78		
EBSC4	0,79		
EBSC5	0,83	Envolvimento ($\alpha=.82$)	0,82
EBSC6	0,86		
EBSC7	0,79		
EBSC8	0,81		

Se atentarmos à escala total, percebemos que se retirássemos o item EBSC6, o valor de consistência interna subiria de .83 para .86. Ainda que esta diferença não seja muito elevada, pode depreender-se que o *Sentido de Comunidade* seria mais consistentemente explicado na ausência do item EBSC6. Por outro lado, verificamos que na possibilidade de retirada de EBSC5, o alfa mantém-se ($\alpha=.83$), o que nos parece indicar que este item não interfere com a consistência da medida de *Sentido de Comunidade*. Estes resultados indicam-nos que apenas a retirada do item EBSC6 irá fazer com que o *Alfa de Cronbach* aumente tanto ao nível da escala total (por 0.03) como ao nível do factor (por 0.04) onde se insere. A retirada dos restantes outros itens diminuiria a consistência da medida, indicando que estes são os mais relevantes na operacionalização do conceito de *Sentido de Comunidade*. Estes dados são argumentos para uma possível retirada de EBSC6, o que não iremos fazer de forma a preservar a estrutura da escala.

3.2. Escala de Importância da Comunidade

3.2.1 Consistência Interna e Medidas de Tendência Central

Para verificar a consistência interna da *Escala de Importância da Comunidade* (EIC) calcula-se o *Alfa de Cronbach*. EIC apresenta uma consistência interna de .78, indicando boa fiabilidade na avaliação do conceito *Importância da Comunidade* como foi operacionalizado neste estudo (Q.3). Os itens componentes da EIC, EIC1 apresentam $X=2,94$ e $\delta=1,01$, já EIC2 tem $X=2,87$ e $\delta=1,03$. Se EIC1 for retirado, a média da escala será 2,87, já se EIC2 for retirado teremos 2,94. Dado que para as próximas análises utilizaremos a medida EIC total, é necessário considerar as suas medidas de tendência central. Assim, EIC apresenta $X=2,90$, $\delta=0,92$, $\min=1$ e $\max=5$. A correlação inter-item é satisfatória na ordem dos .6 .

3.3. Vamos Por Partes ...

3.3.1 Correlações entre os Factores da EBSC, SC-total e EIC

Passamos agora à análise das correlações inter-dimensões verificadas na EBSC, *Envolvimento e Satisfação de Necessidades*, *Sentido de Comunidade* (medida global que corresponde à média dos dois factores verificados) e a *Importância da Comunidade* (Q.4) (Quadro 11).

Quadro 11: Correlações de *Pearson* entre as variáveis *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade*

	E	SN	IC	SC
Envolvimento (E)	-			
Satisfação de Necessidades (SN)	,463**	-		
Importância da Comunidade (IC)	,566**	,450**	-	
Sentido de Comunidade (SC)	,961**	,691**	,603**	-

** A correlação é significativa até ao nível de 0,01.

Verificamos correlações positivas fortes entre as diferentes variáveis, em que os mais elevados valores de correlação expressam-se na relação com o *Sentido de Comunidade*. Mais especificamente observa-se que a dimensão *Envolvimento* tem uma elevada correlação com o *Sentido de Comunidade*; já *Satisfação de Necessidades* apresenta uma correlação mais baixa com *Sentido de Comunidade*. A *Importância da Comunidade* apresenta a mais baixa correlação com *Sentido de Comunidade*, mas ainda assim uma forte correlação. Considerando agora as correlações dos factores componentes do SC, verificamos que SN e E têm uma correlação média entre si, no entanto E apresenta uma correlação mais forte com IC do que com SN.

3.3.2 Relações entre as Variáveis Sócio-Demográficas e EBSC, E, SN e EIC

No quadro abaixo são apresentadas as relações entre as variáveis demográficas de natureza categorial e as variáveis *Sentido de Comunidade* (EBSCtotal), *Envolvimento* (E), *Satisfação de Necessidades* (SN) e *Importância da Comunidade* (EIC). Para a análise da relação destas variáveis foram utilizados o teste *t-student* e a análise simples de variância (ONE-WAY ANOVA), cumprindo os requisitos da normalidade da distribuição das amostras e da homogeneidade de variâncias (quando algum dos requisitos não era cumprido, recorreu-se ao teste de *Kruskal Wallis* como alternativa não paramétrica à análise simples da variância). Os resultados são apresentados no Quadro 12. (Q.5)

Quadro 12 : Resultados dos testes de comparação de médias entre variáveis sócio-demográficas e *Sentido de Comunidade, Envolvimento, Satisfação de Necessidades e Importância da Comunidade*

Variável e teste utilizado	Sentido de Comunidade	Envolvimento	Satisfação de Necessidades	Importância da Comunidade
Sexo (t_{259})	.867	.767	.769	1,366
Escolaridade ($F_{3,257}$)	.954	1,931	1,195	.807
Elementos do agregado familiar ($F_{3,257}$)	3,186*	4,236 **	0,139	2,712*
Trabalho na área de residência (t_{259})	-3,442**	-3,388**	-2,133*	-0,395
Localidade de residência ($F_{3,258}$)	2,259	4,244*	3,547*	3,222*
Religião (K- W_2)	3,084	2,46	2,308	1,760
Praticante (t_{259})	-4,148**	-4,256**	-2,13*	-3,40**
Prática de actividades na área de residência (t_{259})	4,550**	4,265**	3,35**	4,78**

**diferença significativa $p < 0,01$ * diferença significativa $p < 0,05$

Constatam-se diferenças significativas no *Sentido de Comunidade, Envolvimento e Importância da Comunidade* (mas não na *Satisfação de Necessidades*) considerando a dimensão do agregado familiar, o que significa, de acordo com os testes de comparações múltiplas, que quanto maior o número de elementos do agregado familiar, maior o *Sentido de Comunidade, o Envolvimento e a Importância da Comunidade*. Mais especificamente, verificamos que respondentes cujo número de elementos do agregado familiar é até 2 elementos, têm em média menor *Sentido de Comunidade* ($M=3,33$) e menor *Envolvimento* ($M=3,30$) com a comunidade do que pessoas com mais de 5 elementos no agregado familiar ($M=3,77$ e $M=3,86$). Constata-se que agregados familiares compostos por 3 ou 4 elementos atribuem menor *Importância à Comunidade* ($M=2,82$ e $M=2,84$) do que outros com 5 elementos ($M= 3,34$).

Considerando a variável trabalho na área de residência, observam-se diferenças significativas para o *Sentido de Comunidade, Envolvimento e Satisfação de Necessidades* (ver Quadro 12), em que as pessoas que trabalham na sua área de residência apresentam maior *Sentido de Comunidade* ($M=3,61$), maior *Envolvimento* ($M= 3,63$) e percepção de *Satisfação de Necessidades* ($M=3,56$).

Relativamente ao local de residência, verificamos diferenças significativas para o *Envolvimento, Satisfação de Necessidades e Importância da Comunidade*. Observando os valores apresentados no Quadro 11 constatamos que os respondentes que vivem em contexto rural se envolvem mais na comunidade ($M=3,77$) do que aqueles que habitam contextos urbanos ($M=3,42$); por outro lado, as pessoas que habitam em contexto urbano apresentam maior percepção de

satisfação de necessidades (M=3,55) do que outras que habitam territórios rurais ou suburbanos (M=3,26); no que respeita à *Importância da Comunidade*, as pessoas que vivem em áreas rurais consideram mais importante a sua comunidade (M=3,25) do que outras que habitam contextos urbanos (M=2,84) ou suburbanos (M=2,86).

No que diz respeito à religião não foram verificadas diferenças significativas, já quanto ao ser-se praticante ou não marcou diferenças significativas para todas as variáveis consideradas, *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade*. O ser-se praticante de uma religião, favorece o sentido de comunidade (M=3,70), o envolvimento na comunidade (M=3,73), a percepção de satisfação de necessidades na comunidade (M=3,60) e a importância atribuída à comunidade (M=3,18).

Considerando a prática de actividades na área de residência, verificam-se diferenças significativas entre praticantes e não praticantes para o *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade*. Observa-se que quem pratica actividades na comunidade (voluntariado, desporto, lazer, religião) apresenta maior sentido de comunidade (M=3,65), maior envolvimento com a comunidade (M=3,66), maior percepção de satisfação de necessidades (M=3,63) e maior importância atribuída à comunidade (M=3,19).

Dado que algumas das variáveis de caracterização demográfica são de natureza contínua (quantitativa) procede-se à análise da sua relação com o *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade*, por via do coeficiente de correlação *r* de *Pearson* (Quadro 13).

A partir da análise do Quadro verificamos que não existem correlações significativas para o *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade* considerando as variáveis idade e número de filhos.

Quadro 13: Correlações de *Pearson* entre as variáveis *Sentido de Comunidade*, *Envolvimento*, *Satisfação de Necessidades* e *Importância da Comunidade*

	Idade	Nº de Filhos	Qualificação Profissional	Tempo que habita na mesma Localidade
Envolvimento	,028	,060	-,007	,073
	,653	,331	,907	,238
Satisfação de Necessidades	-,003	,041	-,206**	-,124*
	,966	,508	,001	,045
Importância da Comunidade	-,116	-,110	-,020	,019
	,062	,075	,746	,766
Sentido de Comunidade	,022	,062	-,071	,021
	,724	,317	,255	,738

**diferença significativa $p < 0,01$ * diferença significativa $p < 0,05$

Considerando agora a variável qualificação profissional, verificamos uma correlação significativa negativa com a *Satisfação de Necessidades*. Considerando que o nível 1 corresponde à maior qualificação e 9 à menor qualificação, constatamos que quanto maior a qualificação maior a percepção de satisfação de necessidades na comunidade.

Por último considerando o tempo que as pessoas habitam na mesma localidade observamos correlação e negativa apenas com a *Satisfação de Necessidades*. Este dado revela que quanto maior o tempo de habitação na mesma localidade menor a percepção de satisfação de necessidades e o inverso também se verifica, isto é, quanto menor o tempo de residência maior a percepção de satisfação de necessidades.

4. Discussão

Este estudo procurou abordar alguns pontos essenciais relativos à experiência de Sentido Psicológico de Comunidade, uns mais visíveis nesta investigação, outros diluídos na reflexão que a foi acompanhando. Concretizando esta ideia, estamos a referir-nos, numa face mais expressa, à medida de Sentido de Comunidade, às dimensões verificadas, Envolvimento e Satisfação de Necessidades, à Importância da Comunidade e às relações com algumas variáveis sócio-demográficas; por outro lado, e agora referindo-nos à parte mais submersa, a reflexão sobre a investigação do Sentido de Comunidade e variáveis concomitantes, bem como as condições que devem ser consideradas na investigação e implicações extraídas desta, constituindo orientações e parâmetros mais concretos a considerar na perspetivação de intervenção para incremento do Sentido de Comunidade.

Iniciemos esta viagem de exploração e reflexão pela face mais visível desta investigação, a análise da validade da medida portuguesa de Sentido de Comunidade, Escala Breve de Sentido de Comunidade seguida da Escala de Importância da Comunidade.

Verificámos que a Escala Breve de Sentido de Comunidade (EBSC) possui uma boa validade interna, ainda que em menor valor do que a *Brief Sense of Community Scale* (BSCS). Tal acontecimento pode dever-se ao processo de adaptação da medida, isto é, o processo de tradução pode não ter conseguido manter a adequação contextual/cultural que a versão original pareceu conseguir. Ainda assim, a EBSC mostrou ser uma boa medida do Sentido de Comunidade. Discutiremos a sua estrutura e composição mais detalhadamente de seguida. Ainda de salientar que os autores da BSCS levaram a cabo apenas uma análise factorial confirmatória, e que neste projecto apenas foi conduzida uma análise factorial exploratória, pelo que será conveniente que posteriormente o ajustamento do modelo seja testado, depois de acondicionadas as alterações pertinentes à operacionalização da medida.

Respeitante aos critérios de validade externa, não foi analisada a estabilidade temporal, por exemplo, com o método de teste-reteste dada a insolubilidade da amostra, sendo difícil garantir que as mesmas pessoas responderiam a um segundo questionamento. Por outro lado, a carência de financiamento ou apoio logístico nestes projectos de investigação não associados com locais de estágio, ou comunidades com quem se contacta profissionalmente, dificulta a garantia de melhores condições de investigação.

No que respeita à questão da uni ou multidimensionalidade do Sentido de Comunidade, tal como a versão original, EBSC também corroborou a multidimensionalidade, mas com a diferenciação de apenas duas dimensões. Possivelmente poderíamos verificar as quatro dimensões,

tal como Peterson e col. (2008), se o processo de adaptação e tradução da medida fosse mais negociado com os contextos naturais. Mas voltando à composição verificada na EBSC, a dimensão nomeada de Envolvimento vem agregar três das dimensões originais que são Pertença, Influência e Ligações Emocionais Partilhadas. Esta nomeação surgiu da reflexão das saliências de cada dimensão teórica que participa nesta nova agregação.

Envolvimento diz respeito à interacção entre pessoas enquanto parte num processo e de um conjunto maior implicando portanto investimento nessa participação (que lhe confere direitos “eu posso...” e responsabilidades e sacrifícios “eu devo ...”), mas por outro lado, esse investimento só acontecerá e prosperará se existir um clima emocional de segurança que favoreça uma gradual intimidade. As fronteiras, neste contexto, podem ser um elemento essencial na garantia de segurança, mas esta é uma relação controversa, como já foi abordado no primeiro capítulo sendo necessário reflectir quanto ao seu grau de rigidez ou flexibilidade e que funções providenciam (dimensão Pertença de McMillan & Chavis, 1986)). Se por um lado a definição de limites pode potenciar a segurança emocional necessária ao envolvimento, por outro lado pode excluir ou afastar pessoas e contributos/influências necessárias à renovação e/ou mudança da estrutura ou funcionamento da comunidade³⁰. Nesta dinâmica de definição de um espaço público de segurança para as interacções comunitárias ou grupais, se a comunidade não for suficientemente flexível para permitir-se influenciar pelas pessoas, poderá não ser considerada atractiva. Ou por outro lado, se alguém for peremptório com decisões a avançar sobre a comunidade, contra a vontade geral, poderá ser afastado ou até excluído. Assim as pessoas decidirão quando se envolverão e como, consoante o poder de influência que sentem que podem usar e/ou a concordância com a gestão de poder conduzida pela comunidade. Deste modo, a confiança é um elemento essencial no envolvimento e na percepção de influência na medida que esta se desenvolverá a partir da negociação ou resolução de problemas associados com a divisão do poder (dimensão Influência de McMillan & Chavis, 1986). É no desenvolvimento deste espaço público, que combina a identidade comunitária com as identidades pessoais, e que é pautado pela troca, sacrifício, reciprocidade e co-construção de movimentos na comunidade, que se definem experiências comuns, baseadas no contacto interpessoal, e se constroem memórias colectivas (dimensão Ligações Emocionais Partilhadas de McMillan & Chavis, 1986).

Mais sucintamente, podemos definir o Envolvimento como “a percepção de capacidade de envolvimento num grupo que é atractivo, em que a energia que é investida será regulada pela negociação do poder nesse grupo, conjugando as influências de uma matriz pessoal e com a identidade comunitária, na prossecução de obras colectivas”.

³⁰ Neste momento seria importante considerar uma outra questão relativa à função que a comunidade pretende servir, os propósitos que apresenta como atractivos para a afiliação/aproximação de outras pessoas. Este tópico será abordado à frente nesta reflexão quando se discutir o conceito de importância da comunidade.

Prosseguimos agora para a definição da dimensão Integração e Satisfação de Necessidades que se mantém intacta como na versão original, pelo que a sua significação continua na referência ao “sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos disponíveis a partir da pertença ao grupo” (McMillan e Chavis, 1986). Integrando a dinâmica das duas dimensões podemos considerar que o envolvimento no grupo será reforçado se são satisfeitas as suas necessidades e se existe abertura para a integração de outros assuntos relevantes, de modo a agilizar movimentos na comunidade que integrem novos valores e necessidades até então ainda não consideradas. Esta dinâmica de abertura e fecho na organização da comunidade permite, por um lado, o reforço de que existe espaço disponível para que as pessoas se envolvam e que novas negociações quanto ao funcionamento da comunidade sejam levadas a cabo e, por outro, que existe um identidade comunitária e um funcionamento que deve ser considerado, constituindo-se, assim, um ciclo de crescente actualização.

Considerando agora algumas hipóteses quanto a este re-agrupamento, podemos remeter-nos, mais uma vez para o processo de tradução do instrumento. Na tradução da língua original para o português poderemos não ter conseguido manter o significado e a expressividade cultural que gerasse um claro e adequado entendimento dos itens de modo a manter a diferenciação das dimensões Pertença, Influência e Ligações Emocionais Partilhadas. Neste sentido, a operacionalização da dimensão Envolvimento, apesar de originalmente provir das dimensões referidas, nesta situação foi interpretada de modo convergente, ou seja, o entendimento dos itens que operacionalizavam diferentes dimensões não foi diferenciador dessas dimensões originais, mas sim aglutinador numa dimensão actual, Envolvimento. Uma outra hipótese a levantar, e decorrente deste raciocínio, reside no carácter mais relacional das dimensões Pertença, Influência e Ligações Emocionais Partilhadas que se revê na nomeação da nova dimensão Envolvimento, versus o possível entendimento da operacionalização da dimensão Satisfação de Necessidades como mais comercial e mais ligado à utilização de recursos da comunidade para a satisfação de necessidades. De considerar que apesar de, teoricamente, se caracterizar esta dimensão por um ciclo de satisfação, onde alguém satisfaz as necessidades de outros enquanto satisfaz as suas próprias, num ciclo de progressiva actualização (McMillan e Chavis, 1986). Este ciclo de recursividade parece não se ler na operacionalização da dimensão, constando, parece-nos, uma leitura unidireccional – ambos os itens colocam a referência nas “minhas necessidades”. Uma sugestão a experimentar pode passar pela operacionalização de um dos itens referindo-se às necessidades de outros, por exemplo “Eu apoio/colaboro com outras pessoas para estas consigam satisfazer as suas necessidades nesta comunidade”.

Um dado importante a reflectir também neste momento diz respeito aos itens correspondentes à dimensão original Influência, que participam agora na dimensão Envolvimento, e

que foram aqueles que mais prejudicaram a consistência da escala total (EBSC5 “Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade” e EBSC6 “As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras”). Podemos questionar o significado que o emprego da palavra influência pode suscitar nos respondentes, isto é, a palavra influência³¹ pode ser entendida na língua portuguesa, positiva ou negativamente (ao contrário do inglês), pois pode remeter para uma afirmação de poder. Neste instrumento não parece estar esclarecida a função e a orientação desta força, podendo assim ser ambivalentemente entendida, quando se espera, dada a advertência de Peterson, Speer e Hughey (2006 cit. por Peterson e col. 2008) que os itens sejam escritos na forma positiva (e positivamente entendidos). Uma sugestão para reescrever o item 5 pode passar por “Se quiser posso colaborar/envolver-me com o que se passa na minha comunidade.”

Uma outra hipótese a considerar, agora mais especificamente quanto ao item 6 “As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras” é que a sua resposta passa por um reconhecimento das dinâmicas de influência nas pessoas, no outro, e não no próprio (como os restantes itens). Este parece ser um item que foi diferentemente construído por Peterson e col. (2008), apelando a um nível de análise do exterior, enquanto que os restantes se situam num nível de auto-análise. Posto isto, esta diferente exigência pode ter abalado o entendimento do item, aliando-se a ambivalência com que a palavra *influência* pode ser interpretada. Uma sugestão para esta situação pode passar por reescrever o item associado à percepção individual e assim manter o instrumento num nível de auto-análise “Eu consigo envolver outras pessoas nos assuntos desta comunidade” ou mantendo a estrutura original do instrumento “As pessoas desta comunidade conseguem envolver-se umas às outras”. Uma discussão mais alargada quanto a estes diferentes níveis de medida será conduzida no capítulo seguinte.

Prosseguindo, se os itens referidos atrás eram aqueles que afectavam a consistência da medida de Sentido de Comunidade, e da dimensão Envolvimento, resta-nos abordar aqueles que mais destacadamente a definiam, são eles “Sinto-me como um membro desta comunidade”, “Eu pertenço a esta comunidade” e “Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade”. De notar que estes itens apelam ao auto-reconhecimento do seu envolvimento na comunidade, ou seja, um nível de auto-análise, que assim poderá ser mais facilmente entendível.

Analisando, agora, as correlações entre o Sentido de Comunidade, o Envolvimento, a Satisfação de Necessidades e a Importância da Comunidade passamos a reflectir as diferentes correlações verificadas. É o Envolvimento a dimensão mais correlacionada com o Sentido de Comunidade. Este peso pode ser devido à composição desta dimensão ter uma variância explicada substancialmente maior do que a dimensão Satisfação de Necessidades. Este dado pode ser devido à caracterização da dimensão, como já referido atrás, conter itens que caracterizam outras dimensões,

³¹ Influência: Influxo, ascendência, preponderância. Ação que uma pessoa ou coisa exerce noutra.

tornando o Envolvimento mais abrangentemente considerado. Como já foi dito, esta dimensão comporta também uma conotação relacional que possivelmente facilitará a identificação com os diferentes aspectos da vida de uma comunidade, em detrimento de uma conotação mais comercial associada à utilização de recursos – Satisfação de Necessidades. Prosseguindo na exploração dos significados inerentes às correlações entre Envolvimento, Satisfação e Integração de Necessidades e Importância da Comunidade verificou-se uma correlação mais significativa entre a Importância da Comunidade e o Envolvimento do que entre a Satisfação e Integração de Necessidades e o Envolvimento. Este dado merece a nossa atenção. Esta correlação indica-nos que quanto maior o envolvimento na comunidade, maior a importância atribuída à mesma, ou por outro lado, se existe pouco envolvimento na comunidade, pouca será a importância atribuída a esta. Neste sentido, se repararmos na operacionalização dos itens referentes à Importância da Comunidade, um deles remete para Importância da Pertença (para a identificação com as pessoas e com a comunidade) e o segundo para a Importância do Contacto Social (da interacção entre pessoas, da construção de história conjunta). No entanto, ambos os itens parecem remeter para uma dimensão de contacto e identificação entre pessoas e espaços, significado este que a dimensão Envolvimento também transporta. Logo, podemos pensar que devido a uma operacionalização da Importância da Comunidade, possivelmente, mais focada na dimensão relacional, a sua correlação aparece mais forte com o Envolvimento.

Por outro lado podemos reflectir que este dado pode significar que a Importância da Comunidade é mais influente no Envolvimento do que a percepção de Satisfação de Necessidades. Ou seja, sendo atribuída importância à comunidade haverá disposição para o envolvimento e para o investimento naquela comunidade, dada a identificação com esta (Importância da Pertença) e a importância atribuída ao contacto social (Importância do Contacto Social), mesmo que as suas necessidades não estejam completamente satisfeitas (o que importa mais aqui é realmente a importância atribuída à comunidade – identificação com esta e os contactos nela estabelecidos). Esta importância atribuída à comunidade permite antever que a pessoa estará disposta a lutar pela comunidade, a trabalhar para que esta possa cumprir cada vez mais aquilo que procura, e que nessa base, existe identificação e um conjunto de relações com outros que sustentam também essa importância. Este tipo de atitude face a uma comunidade ou a um grupo poderá rever-se nas palavras “eu identifico-me com este sítio... existem pessoas aqui importantes para mim... estou disposto/a a fazer por...”. Se considerarmos o ciclo de vida de uma pessoa/família, encontramos uma série de papéis associados a diferentes eventos que pautam e redireccionam as prioridades e responsabilidades (propósitos) das pessoas. Por outro lado, considerando os contextos de vida destas pessoas, as sociedades bem como as comunidades, devem conjugar e construir um conjunto de condições que configurem um clima favorável ao desempenho das responsabilidades inerentes aos

eventos determinantes nos ciclos de vida. Assim considerando aquilo que uma pessoa procura numa comunidade, consoante os seus constrangimentos actuais, e por outro lado, o modo como a comunidade se apresenta às pessoas (a sua atractividade), encontrar-se-ão afinidades e/ou inquietações. Isto pode significar que uma pessoa envolver-se-á na comunidade, e regulará o seu investimento na mesma, se considerar que esta é actualmente atractiva (afinidades) ou quando apresenta potencialidades de reconstrução dessa atractividade (ou inquietações) ou seja, quando de alguma forma se identifica com a identidade daquela comunidade e construiu uma rede de contactos sociais significativos, investirá no seu envolvimento no sentido de incrementar a qualidade do Sentido de Comunidade, de trabalhar na sua reconstrução e/ou valorização. Assim, o investimento na comunidade pode acontecer de duas formas que pressupõem um certo grau de análise do contexto e não mutuamente exclusivas: 1) o indivíduo poderá investir no sentido de perceber como pode cumprir os seus propósitos e participar na atractividade da comunidade, pois reconhece-lhe importância; 2) a comunidade pode reconhecer que existem propósitos não considerados, agilizando meios de modo a renovar e reconstruir essa mesma atractividade.

Podemos considerar neste momento o paralelo que as dimensões da Escala de Importância da Comunidade, Importância da Pertença e Importância do Contacto Social, têm com as dimensões de Pertença e Ligações Emocionais Partilhadas de McMillan e Chavis (1986). Esta ponte pode argumentar a favor desta hipótese, dada a circularidade na dinâmica de construção do Sentido de Comunidade em que os diferentes processos envolvidos na sua produção apenas se concretizam no contacto e na experiência partilhada, capaz de criar a “obra colectiva” e, portanto, renovar o sentimento e a importância da pertença e assim reconstruir o Sentido de Comunidade.

Esta hipótese parece ser também consistente com um dado verificado no estudo de Chavis e Wandersman (1990), onde a importância do bloco (residencial) evidenciou um efeito directo na avaliação do bloco e no sentido de poder do grupo. Estes autores apesar de terem utilizado a variável Importância da Comunidade, focaram mais a sua análise na propriedade catalisadora do Sentido de Comunidade no nível de participação em associações locais, mas por outro lado, atenderam a importantes variáveis a considerar, como a percepção do ambiente da comunidade, as relações sociais, o *empowerment* e a participação.

Depois desta hipótese levantada e da reflexão levada a cabo podemos sugerir que a Importância da Comunidade (a identificação de complementaridades entre propósitos pessoais e comunitários) pode desempenhar um papel de renovação/reconstrução do Sentido de Comunidade. Podemos assim avançar que a importância atribuída à comunidade poderá funcionar como um regulador do investimento, que influirá na medida de envolvimento que a pessoa dedicará à comunidade. Isto quer dizer que quando a comunidade é importante para a pessoa, esta continuará a investir no sentido de promover melhores condições de convivalidade e de renovar a sua

experiência de Sentido de Comunidade. Por outro lado se a comunidade não é importante, esta desinvestirá na mesma e procurará outros locais, que lhe sejam atractivos para as funções que não se encontram satisfeitas, reduzindo o seu Sentido de Comunidade. Neste sentido importa reflectir sobre o seguinte aspecto: se a comunidade não é considerada importante, será relevante que a estrutura de funcionamento da comunidade (sistema de normas, órgão de poder, ...) possa repensar os seus propósitos e o modo como se apresenta às pessoas, de forma a tornar-se mais atractiva, por outro lado, quando a comunidade é considerada importante é necessário que esta mantenha o investimento na sua atractividade. Todo este processo decorre a partir de análises dos contextos pessoal e comunitários de modo a perceber como a identidade atractiva pode ser mantida ou pode ser melhorada no sentido das diferentes funções/propósitos que se buscam.

Depois destas considerações acerca da medida da escala de Importância da Comunidade, contando até agora com a dimensão da Importância da Pertença e a Importância do Contacto Social, sugerimos a revisão de modo a que a sua operacionalização possa incluir medidas da atractividade e a disponibilidade para o investimento na comunidade. Neste sentido parece-nos pertinente que a investigação continue, mas em contexto natural, a apropriar-se da linguagem das comunidades e de como as pessoas falam, também, sobre a Importância da Comunidade. Algumas sugestões podem passar pela experimentação da revisão de EIC1 “Até que ponto a pertença a/fazer parte desta comunidade é importante para si?”; por outro lado seria relevante abordar a generalidade da importância da comunidade como Chavis e Wandersman (1990) propuseram “Algumas pessoas cuidam da comunidade/sítio onde vivem. Para outras esta não é muito importante. Até que ponto é importante para si esta comunidade, como ela é?” (Esta questão poderá ser colocada em formato aberto, de modo a, possivelmente, aceder aos elementos atractivos).

Uma proposta de sistematização de algumas sugestões será apresentada no capítulo seguinte.

Passaremos agora a dedicar-nos às relações entre as variáveis demográficas e o Sentido de Comunidade, o Envolvimento, a Satisfação de Necessidades e a Importância da Comunidade e as possíveis hipóteses que podem ser consideradas decorrentes dos resultados.

Considerando a dimensão do agregado familiar, esta variável evidenciou diferenças estatisticamente significativas com o Sentido de Comunidade, o Envolvimento e a Importância da Comunidade. Estes dados podem indicar-nos que um agregado familiar maior implicará que um maior número de pessoas em interacção com a comunidade, consoante os diferentes papéis que desempenham, comprometendo as pessoas num envolvimento com espaços e outras pessoas na comunidade, e indicando que esta comunidade é importante na prossecução das funções e exigências associadas ao ciclo de vida das pessoas deste agregado familiar.

No que diz respeito às pessoas que trabalham no local de residência estas apresentam maior Sentido de Comunidade, Envolvimento e Satisfação de Necessidades do que outras que não

trabalham na área de residência (resultado também verificado por Perkins, Florin, Rich, Wandersman & Chavis, 1990). Esta diferença manifesta-se possivelmente devido às exigências que o desempenho de um papel profissional na comunidade acarretam, com um maior contacto com o funcionamento desta, bem como um maior sentimento de contribuição para a satisfação das necessidades de outros enquanto satisfaz as suas próprias, a partir do desempenho de papéis relacionados com a dinâmica da comunidade. Talvez não verifiquemos diferenças quanto à importância da comunidade, dada a operacionalização mais focada em propósitos relacionais e não profissionais.

Quanto ao local de habitação constatamos que as pessoas que habitam em áreas rurais apresentam elevado Sentido de Comunidade, Envolvimento e Importância da Comunidade relativamente a outras que habitam em contexto urbano. Já quanto à percepção de Satisfação de Necessidades na Comunidade, esta verifica-se mais elevada em contextos urbanos. Prezza, Amici, Roberti e Tedeschi (2001) também verificaram esta relação entre o Sentido de Comunidade e a zona de residência. Considerando que as comunidades rurais são caracterizadas por menor densidade populacional, maior proximidade nos contactos e facilidade no estabelecimento de laços, o sentimento de interdependência entre as pessoas e a estrutura da comunidade será maior. Neste sentido parecem constituir-se condições favoráveis ao envolvimento mais seguro das pessoas e a um sentido de comunidade positivo. Se atendermos às características das comunidades urbanas, e.g. maior densidade populacional, maior disponibilidade de equipamentos e estruturas de apoio e geradoras de oportunidades, assim como a possibilidade de contacto com maior diversidade de recursos, estarão geradas condições mais favoráveis à satisfação de necessidades, mas não tão propícias ao envolvimento dada a individualização e distanciamento que caracterizam as áreas urbanas. As áreas rurais, normalmente, não tão bem aprovisionadas de equipamentos de apoio às pessoas podem apresentar dificuldades na satisfação das suas necessidades. A mesma linha de raciocínio pode argumentar a maior importância da comunidade atribuída por respondentes habitantes em áreas rurais.

Actualmente o recurso à inovação social como meio de *empowerment* das pessoas e de desenvolvimento local, com abordagens co-participadas, permite às comunidades mais o trabalho sobre soluções que incrementam o seu potencial, assim como a co-construção de respostas que vão de encontro às suas necessidades, não quebrando com a identidade comunitária. Podemos considerar como exemplo um projecto proposto pela SIC “A Nossa Terra Quer” ou, por exemplo, o “InovCity” a decorrer em Évora. Por outro lado a proliferação de projectos sociais em contextos urbanos que promovem a aproximação das pessoas, o estabelecimento de contacto para que se conheçam necessidades e recursos em que a partir das relações criadas, surjam respostas sustentadas nessas relações, promovendo assim o envolvimento e o sentido de comunidade. Alguns exemplos

desta dinâmica são os projectos “Prédios que Falam” (MARAR), “Laboratório de Cidadania” (SEIES), “Fermento: Comunidades em Crescimento” (Aga Khan e TESE) ou mesmo o Orçamento Participativo, um pouco por todo o país. Estas parecem-nos algumas tendências e referências identificadas que espelham estes dados.

Prosseguindo, e agora atendendo à qualificação profissional, constatámos que quanto mais elevada for, maior será a percepção de Satisfação de Necessidades na comunidade. Possivelmente esta relação verifica-se dado o poder adquirido e/ou um determinado estatuto que se expressa na capacidade de escolha da comunidade, no poder de compra, no controlo das suas necessidades na comunidade. Parece-nos que a especialização profissional é uma variável com significado na promoção de um nível da análise e gestão de recursos mais positiva. Já quanto ao Envolvimento e à Importância da Comunidade não se verificam relações estatisticamente significativas com a qualificação profissional. Uma sugestão a considerar em investigações posteriores diz respeito à situação de desemprego, estudante e reformado.

Quanto ao tempo que uma pessoa habita na mesma localidade, observámos que quanto maior o tempo que reside nessa mesma localidade, menor percepção de Satisfação de Necessidades. Talvez este dado se deva à dificuldade de integração das necessidades das pessoas no plano da comunidade. Por exemplo, quando pensamos em pessoas mais velhas e sozinhas ou outras que têm dependentes a cargo, poderá não existir uma resposta adequada da comunidade de modo a providenciar as condições para a satisfação de necessidades. Recordemos que o número de elementos do agregado familiar não verificou diferenças estatisticamente significativas com a Satisfação de Necessidades. Por outro lado, a dificuldade destas de mudar ou escolher uma outra comunidade pode conduzir a uma progressiva descrença de que as condições de habitabilidade e convivialidade virão a mudar. Estes resultados não confirmam os resultados encontrados por Prezza e col. (2001) que verificaram que o tempo de residência era um dos preditores do Sentido de Comunidade. Possivelmente as comunidades consideradas no seu estudo estariam melhor acondicionadas para acompanhar diferentes gerações e as diferentes responsabilidades inerentes ao desempenho de papéis no ciclo de vida. Ou por outro lado poderemos também ponderar que as pessoas dessas comunidades seriam mais interventivas ao nível da actualização das suas necessidades nos programas da comunidade.

Constatámos também diferenças significativas para o Sentido de Comunidade, Envolvimento e Satisfação de Necessidades e Importância da Comunidade considerando a prática religiosa, mas não quanto à religião que diz seguir. Interessa atender aqui a significação atribuída à prática religiosa ou não, parecendo-nos que a diferença reside na interacção com outros em actividades como rituais religiosos ou disponibilização para a participação em actividades que implicam/promovem a sua fé – praticante – e por outro lado, uma expressão da fé, que não será

visível para os outros – não praticante. Podemos hipotetizar que o Envolvimento em actividades em que a percepção de contribuição para um bem comum poderá fortalecer a ligação e o Envolvimento do indivíduo na comunidade, assim como a percepção de que consegue satisfazer as suas necessidades, enquanto interage e se envolve com outras pessoas, sendo tudo isto um meio de celebração da sua fé. Será também aqui que reveremos como é importante esta comunidade para pessoas praticantes: estas dedicam-se aos outros e à comunidade de modo a perseguirem os valores que estão associados à sua fé, e possivelmente poder “incuti-los” noutras pessoas, então esta comunidade será importante para si, pois existe um nível de identificação com aquele espaço para a realização da sua fé. A dimensão que aqui importa salientar diz respeito à participação, e não à religião escolhida, pois apenas quando a pessoa, incorpora movimentos na sua comunidade, assumindo propósitos e valores específicos, se eleva um compromisso de fazer acontecer, promovido pela fé que aquela pessoa vive.

Verificámos, também, que quem participa em actividades na sua área de residência revela elevado Sentido de Comunidade, Envolvimento e Satisfação de Necessidades, assim como na Importância atribuída à Comunidade. Prezza e col. (2001) verificaram também uma correlação positiva entre a participação na comunidade e o Sentido de Comunidade. Possivelmente verificamos estas fortes relações com todas as variáveis devido à forte componente de interacção e auto-revelação com outros e no usufruto dos espaços na comunidade, as quais caracterizam a participação em actividades, assim como a presença de uma dimensão de regularidade que poderá incrementar e promover experiências e projectos com outros associados às “obras” colectivas. A atitude proactiva de envolvimento em actividades na comunidade, que providencia melhores canais para a satisfação de necessidades, providenciará um melhor sentido de comunidade. Quem apresenta este comportamento voltado para a comunhão de interesses pessoais e comunitários parece atribuir maior importância à comunidade. Uma sugestão a considerar aqui seria a apresentação de um leque mais vasto de actividades, ou por outro lado, a colocação de uma pergunta aberta que permitisse posteriormente a categorização de actividades praticadas.

Não foram verificadas relações entre o Sentido de Comunidade, suas dimensões e Importância da Comunidade com as variáveis sexo, idade, escolaridade e número de filhos.

No que diz respeito ao sexo não se encontrou alguma relação significativa o que nos indica que o facto de ser homem ou mulher parece não ter efeito sobre a qualidade do Sentido de Comunidade ou quanto à importância atribuída à comunidade. Tartaglia (2006) por sua vez verificou um maior Sentido de Comunidade nas mulheres em comparação com os homens.

Ao contrário do estudo realizado por Prezza e col. (2001), não verificamos uma correlação significativa entre a idade e o Sentido de Comunidade. Talvez através do tratamento diferenciado em intervalos de idades, referentes a determinadas etapas do ciclo de vida e mudanças subjacentes,

poderíamos alcançar outros resultados.

Quanto ao número de filhos, também não foi constatada qualquer relação com o Sentido de Comunidade, suas dimensões e com a Importância da Comunidade. Obst, Smith e Zinkiewicz (2002^c) no entanto, verificaram uma relação positiva entre o Sentido de Comunidade e o número de filhos, considerando as actividades que normalmente estes grupos frequentam, a frequência escolar que normalmente implica mais interacções com a comunidade. Mas nesta linha de raciocínio, se reflectirmos o custo que a frequência de actividades e os recursos necessários para a sua mobilização, e a instabilidade económica que Portugal actualmente vive, pode acontecer que as pessoas não invistam tanto nestas actividades como forma de controlar o seu orçamento familiar. Logo esta variável não se expressa como estatisticamente significativa em Portugal. A variável filhos coabitantes não foi tratada, devendo ser uma variável a considerar nas investigações subsequentes.

Uma hipótese que podemos considerar para as relações não verificadas com o Sentido de Comunidade, Envolvimento, Satisfação de Necessidades e Importância da Comunidade poderá estar na ligação linear com apenas uma variável sócio-demográfica. Talvez pudessem verificar-se diferenças se considerássemos um conjunto de variáveis agregadamente, por exemplo, pessoas com baixa escolaridade, pouca qualificação e com filhos vs pessoas com elevada escolarização, mais qualificação e com filhos, considerando ambientes urbanos e rurais. Esta deve ser uma atenção a considerar nos estudos posteriores, o poder levar a cabo investigações que analisem os perfis de relações existentes entre as diferentes variáveis aqui analisadas linearmente, por exemplo, a partir de modelos de equações estruturais.

5. Implicações: Quando Questões Maiores Se Levantam

Ao longo deste projecto foram sendo levantadas questões e apontadas limitações que serão abordadas agora de modo a inspirar outros desenhos metodológicos e a iluminar o espaço de investigação e intervenção no Sentido de Comunidade e sua reconstrução. É neste momento que abordaremos a face menos visível da reflexão, mas que foi inspirando cada sentimento com potencial a constituir “obra colectiva”. Apresentaremos então de seguida algumas reflexões marcantes neste projecto.

A primeira questão que se colocou neste estudo releva o conceito de comunidade e a dificuldade na sua definição. Neste projecto foi pedido que os participantes considerassem a sua comunidade local, área de residência ou bairro, como referente da sua comunidade geográfica. Acontece que este pedido, apesar de procurar controlar em certo grau o referencial que as pessoas podem considerar como comunidade, pode impedir que estas tomem a referência do seu prédio ou

bloco, que pode fazer sentido enquanto comunidade em áreas urbanas, por exemplo. Por outro lado, a linguagem que operacionaliza a Escala Breve de Sentido de Comunidade, segundo a informação disponível (Peterson e col., 2008), foi criada por académicos envolvidos na investigação, tal como a versão portuguesa, que no seu processo de tradução contou apenas com académicos de diversas áreas do saber. Este processo de construção levanta sérias questões ao nível da familiaridade com a linguagem utilizada, isto é, e como foi questionado no primeiro capítulo, será que a linguagem académica consegue captar o modo como as pessoas se expressam sobre a sua experiência de estar em comunidade?

Queremos com isto enfatizar a necessidade de considerar este fosso, entre a linguagem académica e a linguagem natural da vida das comunidades, tendo que quanto mais afastada esta linguagem estiver da experiência da comunidade menor a familiaridade com as medidas de análise e/ou com a linguagem do entrevistador.

A Escala Breve de Sentido de Comunidade é um instrumento que pretende ser uma medida do Sentido de Comunidade total, assim como representativo das suas dimensões, mas não procurando esgotar os elementos e as dinâmicas inerentes ao Sentido de Comunidade tal como é teorizado por McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996). McMillan (no prelo) diz que seriam necessários pelo menos 70 itens (4 itens por elemento que compõe as dimensões teorizadas). Devemos ter em atenção que existem diversas características que combinam cada dimensão e que não são consideradas, pois no processo de operacionalização procura-se a expressão mais reconhecível e identificável do Sentido de Comunidade. Esta pode, no entanto, ser uma operacionalização que não seja de todo fiel à complexidade do Sentido de Comunidade, podendo menosprezar alguns elementos ou dinâmicas importantes na captação da experiência de Sentido de Comunidade de determinado território. Este instrumento revelou confiança na medida do Sentido de Comunidade total, mas não esgota outras especificidades que poderão ser importantes na expressão do Sentido de Comunidade em contextos específicos. Devemos acrescentar que a *Brief Sense of Community Scale* foi adaptada, recentemente, para o alemão por Wombacher, Tagg, Bürgi e MacBryde (2010) e aplicada à marinha alemã, verificando-se as 4 dimensões teorizadas validando portanto a BSCS (Peterson, Speer e McMillan, 2008) e a teoria de McMillan e Chavis (1986) e McMillan (1996) numa comunidade com circunstâncias bastante diferentes. Neste sentido, parece-nos, que esta medida de Sentido de Comunidade deverá continuar a ser analisada de modo a averiguar a sua adequação à teoria *supra* referida e a diferentes comunidades. É neste seguimento que é congruente abordarmos a possibilidade de recurso a instrumentos e técnicas complementares que possam mais abrangentemente caracterizar a identidade de uma comunidade (Puddifoot, 1995, 1996, 2003). É essencial que possamos reflectir ao nível da metodologia empregue na adaptação de um instrumento, e como esta se pode aproximar da linguagem natural das comunidades, sem se

tornar também contexto-específica. Algumas sugestões passam pela introdução de metodologias de natureza qualitativa em complementaridade com outras de natureza mais quantitativa. Alguns métodos foram já experimentados e sugerimos que possam ser tomados como referência: Plas e Lewis (1996) utilizaram uma metodologia naturalista de *inquiry cycles* que assume uma forte posição quanto à abordagem contextual e à necessidade de consideração do investigador como pessoa, assim como ao redesenho da investigação à medida que se vão acedendo a informações no contacto com a comunidade; Mannarini e Fedi (2009) utilizaram a entrevista semi-estruturada de modo a explorar o conceito de comunidade e a especificar, a que comunidade, se referem os participantes, com acompanhamento de entrevistadores treinados, posteriormente analisaram os dados em agrupamentos que compuseram dimensões do Sentido de Comunidade; Brodsky e Marx (2001) usaram o método de *focus-group* de modo a acederem à linguagem que traduz a experiência de Sentido de Comunidade.

Neste sentido importa referir aqui uma outra limitação deste projecto e de outros nacionais e estrangeiros que se ocuparam do estudo do Sentido de Comunidade, a centralização em medidas de análise intra-individual e a não objectivação de uma reflexão mais alargada a outras dimensões de influência, até às variáveis macro ou comunitárias. Neste sentido a referência a este nível de abrangência na análise do Sentido de Comunidade diz respeito à consideração da perspectiva do investigador enquanto parte no processo de decisão de variáveis a considerar e perspectivas metodológicas e do respondente como avaliador da sua experiência e do ambiente (funcionamento da comunidade, das estruturas e equipamentos, assim como à análise de uma visão de comunidade no presente e perspetivação no futuro). Estes diferentes níveis de análise conduzem-nos, ao que Puddifoot (1995, 1996, 2003) identidade pessoal e identidade comunitária. Atendendo a este nível partilhado poderemos considerar pelo menos três elementos: 1) a percepção pessoal de como os outros se sentem na comunidade, tendo que esta percepção pode variar da percepção pessoal (aqui, as pessoas estão dispostas a trabalhar em questões que interessam a todas); 2) percepção do que pode ser considerada qualidade de vida na própria comunidade (lazer, saúde, comércio, transportes, ambiente, segurança, serviços públicos) e 3) a percepção da comunidade ideal que nos remete para indicadores de atractividade e qualidade de vida (Puddifoot, 1995). Com este segundo e terceiro pontos clarifica-se a relação entre estas questões metodológicas e o que já foi considerado no primeiro capítulo como variáveis micro (individuais) e macro (exteriores ou comunitárias).

Neste sentido, parece-nos essencial uma atenção especial nas metodologias transdisciplinares e multi-nível que combinem o estudo de variáveis pertinentes no sentido de procurar considerar o impacto que as mudanças a nível macro têm no nível individual e portanto na experiência de Sentido de Comunidade (como são as leis de um país, como são aplicadas, o ordenamento do território, reflexão da arquitectura das habitações, implementação de espaços

comuns – jardins, parques infantis, pátios, zonas pedonais – gestão participada do território e do património, construção de novos equipamentos, planos de segurança, acessos e mobilidade no território, eventos sócio-culturais e de recuperação da história local, etc...), ver Proposta de Sistematização no Quadro 14.

Esta renovada abordagem metodológica tem diversas implicações pois se passamos a considerar este nível macro que impacta as realidades individuais, as intervenções necessariamente dirigir-se-ão a esse nível exterior, assim como uma responsabilização das estruturas com poder nas comunidades pelo aprovisionamento de condições cada vez mais favoráveis aos seus membros. A consideração de variáveis macro direcciona uma maior responsabilidade aos agentes de gestão do espaço público, de modo a promover a atractividade da comunidade às idiossincrasias das pessoas, aos propósitos que servem em determinado momento de vida e por conseguinte a uma melhor Experiência de Sentido de Comunidade. Mas este sentido de dever e compromisso é bidireccional no qual as pessoas são também responsáveis pelo trabalho de aproximação à participação nos assuntos da comunidade e no diagnóstico daquilo em que consideram ser necessário intervir.

Quadro 14: Proposta de Sistematização de Sugestões a Considerar Metodologicamente*

Considerações de diferentes espectros de variáveis	Micro-variáveis (número de filhos, escolaridade, tempo de residência) Macro-variáveis (densidade populacional, zona onde habita, organização do território, jardins, funcionamento dos serviços, zonas pedonais, associações, canais de participação cívica, políticas de promoção do emprego, apoio à imigração ...)
Níveis de Análise	Auto-análise Ex. “Eu pertença a esta comunidade” ou “Eu identifico-me com esta comunidade.” Análise dos outros Ex. “A maior parte das pessoas acham esta comunidade atractiva”. Análise do ambiente físico da comunidade Ex. “Existem oportunidades nesta comunidade”. Análise da perspectiva de futuro Ex. “Como acha que será esta comunidade daqui a um ano?”
Proposta de Utilização do Inquérito Appreciativo	Descoberta – “O que valoriza mais na sua comunidade?” Sonho – “Como seria a sua comunidade ideal?” Desenho – “O que necessita de acontecer para se aproximar desse ideal?” (consigo, com os outros, com os serviços, com as estruturas de poder, ...) Destino – “Qual seria o primeiro passo a dar?” (por si, pelos outros, pelos serviços, pelas estruturas de poder, ...)
* Necessária adequação consoante o tipo de comunidade, o seu momento de desenvolvimento e os propósitos. Contributos de McMillan e Chavis (1986), McMillan (1996; no prelo) Chavis e Wandersman (1990), Puddifoot (1995, 1996, 2003), Cooperrider, Whitney e Starvos (2008)	

Neste sentido, uma abordagem que nos parece necessária e adequada nestes diversos pontos e que seria interessante experimentar em contextos específicos é o *Inquérito Appreciativo*. Este instrumento serve a importante função de, na sua essência, pressupor uma avaliação/intervenção co-participada e multi-sistémica, incluindo, os diferentes agentes da comunidade, assim como as suas estruturas numa perspectiva de valorização e de implicação nos processos de desenho e criação da mudança (Cooperrider, Whitney e Stavros 2008). Este instrumento permite-nos aceder aos recursos na comunidade e ao que são consideradas potenciais oportunidades, assim como manter uma perspectiva de trabalho multidisciplinar e com análise das implicações e respostas a um nível longitudinal (Ver Quadro 14 exemplo de utilização, apenas a título exemplificativo).

É nesta linha de raciocínio que encontramos a relação entre a participação e o Sentido de Comunidade, assim como a promoção de mecanismos de *engagement* como canais para o *empowerment* e consequentemente para uma comunhão do tecido social cada vez mais co-participada.

Importa, neste sentido, integrar a Importância da Comunidade e as funções que as comunidades e as pessoas procuram satisfazer na sua interdependência e participação num processo de desenvolvimento mútuo. O que procurámos enfatizar atrás na reflexão sobre a relação entre a Importância da Comunidade e o Envolvimento, enquanto um sistema de propósitos que configuram a atractividade de um contexto e que potenciam a renovação do Sentido de Comunidade, é exactamente a capacidade que as pessoas conseguem ter para, definindo (com outros) e perseguindo os seus valores, propósitos e necessidades, modificar um clima menos favorável. Como Amartya Sen (TESE, 2009) enfatizava, em circunstâncias críticas as pessoas desenvolvem capacidades de modo a direccionarem as suas vidas de acordo com as suas preferências, os seus valores, os seus propósitos e assim, acrescentamos, definem oportunidades de mudança e de reconstrução de circunstâncias que possibilitam a recriação do Sentido de Comunidade.

É nestas palavras que podemos reconhecer como aconteceu a nossa Revolução dos Cravos a 25 de Abril de 1974 e como se recriou um sentido de pátria a partir do movimento inquietado contra a opressão de um sistema.

6. Conclusões:

Importa neste momento ressaltar que o estudo do Sentido de Comunidade, como reflectimos aqui, vai muito além do sentimento que uma pessoa ou um conjunto produz. O Sentido de Comunidade diz respeito a um contexto, cujos elementos e dinâmicas são necessariamente diferentes de outro contexto, bem como a complementaridade de propósitos que liga as pessoas e o espaço comunitário.

Deste modo, quando se analisa o Sentido de Comunidade, deve existir a responsabilidade de analisar também os elementos que definem a identidade e a atractividade daquele contexto, considerando, portanto, a disponibilidade dos diversos agentes e a sua capacidade de contribuição para a reconstrução da atractividade de uma comunidade e da Experiência de Sentido de Comunidade. Posto isto, torna-se essencial a utilização de metodologias de investigação implicadas na intervenção co-participada, considerando micro e macro variáveis, assim como diferentes níveis de análise que, verdadeiramente, incluam as pessoas no processo de reconstrução e/ou valorização do Sentido de Comunidade. É a partir do acesso a estas diferentes perspectivas da comunidade que tomamos contacto com a diversidade nos espaços comunitários e de como a sua convivência é possível.

Tal como Sampaio (2009) refere, a comunidade científica deve ter um papel mais activo e ajudar a construir visões de mundo informadas e integradas. Esta deve unir esforços na salvaguarda de diferentes identidades e da vantagem dessa riqueza cultural, mas também no desenhar de meios que permitam o encontro pacífico de diferentes perspectivas e visões de mundo, em perspectivas conciliadas e conciliadoras. Esta é uma questão deveras central, afinal quando falamos da diversidade de comunidades e de identidades sociais e culturais, falamos também das dificuldades que experienciamos em viver juntos.

O nosso trabalho deve então prosseguir, principiando a promoção de encontros felizes de diferentes culturas e identidades, em espaços cada vez mais comunitários e inclusivos, fazendo emergir os canais que potenciam o convívio pacífico da diferença.

“Nós temos o direito de ser iguais quando a diferença nos torna inferiores e o direito de ser diferentes quando a igualdade nos nega a especialidade.”³²

Paulo Freire

³² Citado por António Sampaio da Nóvoa (2010) na sua apresentação na 1ª Escola de Verão da Aliança das Civilizações das Nações Unidas sobre o tema “*Bridging Hearts, Opening Minds and Doing Things Together*”.

Bibliografia

- Anéis, D. (2009). *A “cola” que une a comunidade: comparação do sentido de comunidade entre uma amostra clínica e não-clínica*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Amaro, J. (2007). Sentimento Psicológico de Comunidade: Uma revisão. *Análise Psicológica*, 25(1), 25-33.
- Amerio, P., Fedi, A., & Roccato, M. (2000). Individuo, territorio, comunità [Individual, territory, community]. In P. Amerio (Ed.), *Psicologia di comunità* [Community Psychology]. Bologna: Il Mulino.
- Bateman, H. (2002). Sense of Community in the school: Listening to students’ voices. In A. Fisher, & C. Sonn (Eds.), *Psychological Sense of Community: Research applications, and implications* (pp. 161–179). New York: Plenum Publishers.
- Bishop, B. & Browne, A. (2006). There is nothing so practical as ... : Building myths in community psychology. *The Australian Community Psychologist*, 18 (3), 68-73.
- Brodsky, A., & Marx, C. (2001). Layers of identity: Multiple psychological senses of community within a community setting. *Journal of Community Psychology*, 29(2), 161–178.
- Brodsky, A., O’Campo, P., & Aronson, R. (1999). PSOC in community context: Multilevel correlates of a measure of psychological sense of community in low income, urban neighborhoods. *Journal of Community Psychology*, 27, 659-679.
- Buckner, J. (1988). The development of an instrument to measure neighborhood cohesion. *American Journal of Community Psychology*, 16, 771–791.
- Burroughs, S., & Eby, L. (1998). Psychological sense of community at work: A measurement of system and explanatory framework. *Journal of Community Psychology*, 26(6), 509-532.

- Chavis, D., Hogge, J., McMillan, D., & Wandersman, A. (1986). Sense of community through Brunwick's lens: A first look. *Journal of Community Psychology*, 14, 24–40.
- Chavis & Wandersman (1990). Sense of Community in the Urban Environment: A Catalyst for Participation and Community Development. *American Journal of Community Psychology*, 18 (1), 55-81.
- Child, D. (2006). *The essentials of factor analysis* (3th ed.) London - New-York Continuum.
- Chipuer, H. & Pretty, G (1999). A review of the sense of community index: Current uses, factor structure, reliability and further development. *Journal of Community Psychology*, 27 (6). 643-659.
- Collins, D., & Kearns, R. (2010). *Walking school buses in the Auckland region: A longitudinal assessment*. (Abstract) *Transport Policy*, 17(1), 1-8.
- Colombo, M., Mosso, C., & DePiccoli, N. (2001). Sense of community and participation in urban contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 11, 457–464.
- Cooperrider, D., Whitney, D. & Stavros, J. (2008) *Appreciative Inquiry Handbook. For leaders of change*. 2 ed. Brunswick, OH & San Francisco. Crown Custom Publishing & Berrett-Koehler Publishers.
- Cowman, S., Ferrari, J., & Liao-Troth, M. (2004). Mediating effects of social support on firefighters' sense of community and perceptions of care. *Journal of Community Psychology*, 32, 121–126.
- Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp-37-67). Greenwich: JAI Press.
- Davidson, W., & Cotter, P. (1986). Measurement of sense of community within the sphere of city. *Journal of Applied Social Psychology*, 16, 608–619.

- Diener, E. Emmons, R. A., Larson, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49, 1.
- Doolittle, R., & MacDonald, D. (1978) Communication and a sense of community in a metropolitan neighborhood: A factor analytic examination. *Communication Quarterly*, 26, 2–7.
- Dunham, H. (1986). The community today: Place or process. *Journal of Community Psychology*, 14, 399-404.
- Gergen, K. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40, 266 - 275.
- Glória, A. (no prelo). *A Essência da Comunidade – Importância da Avaliação da Percepção do Sentido Psicológico de Comunidade em Comunidades Geográficas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Glynn, T. (1981). Psychological sense of community: Measurement and application. *Human Relations*, 34, 780-818.
- Glynn, T. (1986). Neighborhood and sense of community. *Journal of Community Psychology*, 14, 341–352.
- Gonçalves, C. (2009). *O Sentido de Comunidade, o Apoio Social Percebido e a Satisfação com a Vida*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Heller, K. (1989). The return to community. *American Journal of Community Psychology*, 17, 1-15.
- Herman, S., Onaga, E., Pernice-Duca, F., Oh, S. & Ferguson, C. (2005). Sense of Community in Clubhouse Programs: Member and Staff Concepts. *American Journal of Community Psychology*, 36 (3/4), 343-356.

- Hill, J. (1996). Psychological sense of community: Suggestions for future research. *Journal of Community Psychology*, 24, 431-438.
- Hillery, G. (1955). Definitions of community: Areas of agreement. *Rural Sociology*, 20, 111-123.
- Hunter, A., & Riger, S. (1986). The meaning of community in community mental health. *Journal of Community Psychology*, 14, 55-71.
- Hughey, J., Speer, P. & Peterson, N. (1999). Sense of community in community organizations: Structure and evidence of validity. *Journal of Community Psychology*, 27(1), 97-113.
- Hughey, J., & Bardo, J. (1984). The structure of community satisfaction in a southeastern American city. *Journal of Social Psychology*, 123, 91–99.
- Kingston, S., Mitchell, R., Florin, P., & Stevenson, S. (1999). Sense of community in neighborhoods as a multi-level construct. *Journal of Community Psychology*, 27, 681–694.
- Klein, J. & D'Aunno, A. (2006). Psychological sense of community in the workplace. *Journal of Community Psychology*, 14(4), 365–377.
- Kohls, N., Walach, H. & Wirtz, M. (2009). The relationship between spiritual experiences, transpersonal trust, social support, and sense of coherence and mental distress—a comparison of spiritually practising and non-practising samples. *Mental Health, Religion & Culture*, 12(1), 1–23
- Lambert, S. & Hopkins, K. (1995). Occupational Conditions and Workers' Sense of Community: Variations by Gender and Race. *American Journal of Community Psychology*, 23(2) 151-179.
- Long, D., & Perkins, D. (2003). Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI. *Journal of Community Psychology*, 31(3), 279-296.

- Lounsbury, J., & DeNeui, D. (1996). Collegiate psychological sense of community in relation to size of college/university and extroversion. *Journal of Community Psychology*, 24, 381–394.
- Mannarini, T. & Fedi, A. (2009). Multiple senses of community: the experience and meaning of community. *Journal of Community Psychology*, 37, 211-227
- McMillan (no prelo). *Sense of Community, A Theory not a Value: A Response to Nowell and Boyd*.
- McMillan, D. (1996). Sense of community. *Journal of Community Psychology*, 24, 315-325.
- McMillan, D., & Chavis, D. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Miers, R., & Fisher, A. (2002). Being church and community: Psychological sense of community in a local parish. In A. Fisher & C. Sonn (Eds.), *Psychological sense of community: Research applications and implications* (pp. 123–140). New York: Plenum.
- Moreira, J. & Canaipa, R. (2007). Escala de provisões sociais: desenvolvimento e validação da versão portuguesa da “Social Provision Scale”. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2, 24.
- Morin, E. (1990). *Introdução ao Pensamento Complexo*. Instituto Piaget. Lisboa 2ªEd.
- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida et al. (Eds.). *A acção educativa: análise psicossocial* (pp. 105-117). Leiria: ESEL/APPORT.
- Nowell, B., & Boyd, N. (2010). Viewing community as responsibility as well as resource: deconstructing the theoretical roots of psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 38(7), 828-841.

- Obst, P., Zinkiewicz, L., & Smith, S. (2002a). Sense of community in science fiction fandom, Part 1: Understanding sense of community in an international community of interest. *Journal of Community Psychology*, 30(1), 87-103.
- Obst, P., Zinkiewicz, L., & Smith, S. (2002b). Sense of community in science fiction fandom, Part 2: Comparing neighborhood and interest group sense of community. *Journal of Community Psychology*, 30(1), 105-117.
- Obst, P., Smith, S., & Zinkiewicz, L. (2002c). An exploration of Sense of Community, Part 3: Dimensions and Predictors of Psychological Sense of Community in Geographical Communities. *Journal of Community Psychology*, 30, 119-133.
- Obst, P. & White, K. (2004a). Three-Dimensional Strength of Identification Across Group Memberships: A Confirmatory Factor Analysis. *Self and Identity*, 4, 69–80.
- Obst, P. & White, K. (2005). An exploration of the interplay between Psychological Sense of Community, Social Identification and Salience. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 15, 127-135.
- Ornelas, J. (2008) *Psicologia Comunitária*. 1ª Ed. Fim de Século. Lisboa.
- Pargament, K. (1983). The psychosocial climate of religious congregations. *American Journal of Community Psychology*, 11, 351– 381.
- Perkins, D., Florin, P., Rich, R., Wandersman, A., & Chavis, D. (1990). Participation and the social and physical environment of residential blocks: Crime and community context. *American Journal of Community Psychology*, 18, 83–113.
- Pestana, M. & Gagueiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. 5ª Ed. Edições Sílabo. Lisboa
- Peterson, N., Speer, P. & McMillan, D. (2008). Validation of brief sense of community scale: confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73.

- Plas, J. & Lewis, S. (1996). Environmental Factors and Sense of Community in a Planned Town. *American Journal of Community Psychology*, 24(1), 109-143.
- Pretty, G., Andrewes, L., & Collet, C. (1994). Exploring adolescent's sense of community and its relationship to loneliness. *Journal of Community Psychology*, 22, 346–357.
- Pretty, G., & McCarthy, M. (1991). Exploring the psychological sense of community among women and men of the corporation. *Journal of Community Psychology*, 19, 351–362.
- Prezza, M., & Costantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 8, 181-194.
- Prezza, M., Costantini, S., Chiarolanza, V., & Di Marco, S. (1999). La scala italiana del senso di comunità [The Italian Sense of Community Scale]. *Psicologia della Salute*, 3/4, 135–159.
- Prezza, M., Amici, M., Roberti, T. & Tedeschi, G. (2001). Sense of community referred to whole town: its relations with neighboring, loneliness, life satisfaction and area of residence. *Journal of Community Psychology*, 29, 29-52.
- Price, R.H. (1985). Work and Community. *American Journal of Community Psychology*, 13(1), 1-12.
- Puddifoot, J. (1995). Dimensions of community identity. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 5, 357-370.
- Puddifoot, J. (1996). Some initial considerations in the measurement of community identity. *Journal of Community Psychology*, 24, 327-336.
- Puddifoot, J. (2003). Exploring "personal" and "shared" sense of community identity in Durham City, England. *Journal of Community Psychology*, 31(1), 87-106.

- Rapley, M. & Pretty, G. (1999) Playing Procrustes: The Interactional Production of a “Psychological Sense of Community”. *Journal of Community Psychology*, 27(6), 695-713.
- Relvas, A. (2004). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Edições Afrontamento. Lisboa. 3ªEd.
- Riger, S., & Lavrakas, P. (1981). Community ties: Patterns of attachment and social interaction in urban neighbourhoods. *American Journal of Community Psychology*, 9, 55–66.
- Rothman, J. (1982). Taking account of the workplace in community organization practice. In S. Akabas & P. Kurzman (Eds.), *Work, workers and work organizations: A viwork* (pp. 176-196). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Royal, M., & Rossi, R.(1996). Individual-level correlates of sense of community: findings from workplace and school. *Journal of Community Psychology*, 24, 395-416.
- Sampaio, J. (2009). *The Road From Madrid to Istanbul and Beyond*. Alliance of Civilizations. <http://www.unaoc.org/>
- Sagy S., Stern, E. & Krakover, S. (1996). Macro and microlevel factors related to sense of community: The case of temporary neighbourhood in Israel. *American Journal of Community Psychology*. 24, 657-676.
- Sonn, C. (2002). Immigrant adaptation: Understanding the process through sense of community. In A. Fisher & C. Sonn (Eds.), *Psychological sense of community: Research, applications, and implications* (pp. 205–222). New York: Plenum.
- Tartaglia, S. (2006). A preliminary study for a new model of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 34, 25–36.
- TESE (2009) *Necessidades em Portugal: Tradição e Tendências Emergentes*. <http://www.tese.org.pt/>

- Wiesenfeld, E. (1996). The concept of ‘we’: A community social psychology myth? *Journal of Community Psychology*, 24(4), 337-346.
- Wombacher, J., Tagg, S., Bürgi, T., & MacBryde, J. (2010). Measuring sense of community in the military: cross-cultural evidence for the validity of the brief sense of community scale and its underlying theory. *Journal of Community Psychology*, 38(6), 671-687.
- Wyers, N., & Kaulukukui, M. (1984). Social services in the workplace: Rhetoric vs. reality. *Social Work*, 27, 167–172.

ANEXOS

Anexo 1 – *Brief Sense of Community Scale*

BRIEF SENSE OF COMMUNITY SCALE (BSCS) ITEMS^a

<i>Concept</i>	<i>Item</i>	<i>Item wording</i>
NF	BSCS1	I can get what I need in this neighborhood.
NF	BSCS2	This neighborhood helps me fulfill my needs.
MB	BSCS3	I feel like a member of this neighborhood.
MB	BSCS4	I belong in this neighborhood.
IN	BSCS5	I have a say about what goes on in my neighborhood.
IN	BSCS6	People in this neighborhood are good at influencing each another.
EC	BSCS7	I feel connected to this neighborhood.
EC	BSCS8	I have a good bond with others in this neighborhood.

^aConcepts based on McMillan and Chavis (1986): NF = Needs fulfillment; B = membership; IN = influence; EC = emotional connection.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Escala Breve de Sentido de Comunidade

EBSC

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense na sua área de residência, bairro ou comunidade local. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau em que concorda que o item descreve a sua actual relação com a sua área de residência, bairro ou comunidade local. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 5 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

<u>Discordo</u> <u>fortemente</u> 1	<u>Discordo</u> 2	<u>Não concordo</u> <u>nem discordo</u> 3	<u>Concordo</u> 4	<u>Concordo</u> <u>fortemente</u> 5
---	----------------------	---	----------------------	---

- | | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Eu consigo obter o que necessito desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Eu sinto-me como um membro desta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Eu pertenço a esta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se uns aos outros. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Eu tenho bons laços com outros nesta comunidade. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Apêndice 2 – Escala de Importância da Comunidade

IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense nas suas actuais relações com as pessoas da sua área de residência, bairro ou comunidade local. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau de importância que o item que descreve a sua actual relação com essas pessoas. Por exemplo, se considerasse fortemente importante o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se considerasse, pouco importante assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

<u>Nada</u> <u>Importante</u> 1	<u>Pouco Importante</u> 2	<u>Importante</u> 3	<u>Fortemente</u> <u>Importante</u> 4	<u>Extremamente</u> <u>importante</u> 5
---------------------------------------	------------------------------	------------------------	---	---

- | | | | | | |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Até que ponto a pertença à sua área de residência é importante na sua identidade pessoal? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Até que ponto as pessoas que conhece na sua área de residência constituem uma parte importante da sua vida social? | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Apêndice 3 – Protocolo de Participação



Caro/a participante:

Vimos solicitar a sua colaboração nos estudos que estão a ser desenvolvidos sobre o Apoio Social Percebido, o Sentimento Comunitário e a Satisfação com a Vida, no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia. A sua participação é muito importante para que possamos **compreender** a relação entre estes conceitos e os factores influentes, de modo a podermos **contribuir** de forma mais adequada em intervenções futuras a nível comunitário.

Pedimos que tome atenção aos seguintes pontos:

- 1) As suas respostas não são avaliadas individualmente, apenas nos interessam médias de muitos participantes;
- 2) Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente;
- 3) As suas respostas são totalmente confidenciais (não escreva o seu nome ou algo que o identifique, em lado nenhum);
- 4) É importante que responda individualmente;
- 5) É importante que responda a TODAS as questões (se não responder a todas as questões e a toas as escalas as suas respostas não poderão ser utilizadas nos estudos).

Agradecemos desde já a sua disponibilidade e colaboração!

Nota: Se quiser colocar alguma dúvida, ou necessitar de alguma esclarecimento relativamente aos estudos poderá contactar-nos através de e-mail ou telefone (contactos não publicados aqui).

Ana Catarina Gonçalves

Liliana Marante



Termo de Consentimento Informado

A sua participação nestes dois estudos do Mestrado Integrado em Psicologia, consiste em completar vários questionários relacionados com os seus pensamentos, sentimentos e comportamentos.

No envelope que foi fornecido à pessoa responsável pela aplicação dos questionários encontram-se:

1. Este termo de consentimento informado. Depois de o ler, deve assiná-lo e entregá-lo à pessoa responsável pela aplicação.
2. Os questionários usados para a recolha de dados para o estudo. Depois de ler e assinar este termo de consentimento informado que permite aos investigadores confirmar que a sua participação foi voluntária, pode começar a preencher os questionários.
3. Depois de ter terminado de preencher os questionários, coloque-os dentro do envelope e feche-o, de modo a manter as suas respostas confidenciais.

A duração esperada de participação é aproximadamente 20 minutos.

1. A sua participação é *completamente* voluntária.
2. As respostas às perguntas em todos os questionários manter-se-ão *anónimas*. Não haverá *nenhuma informação identificável* incluída nos questionários.
3. Não existem desconfortos ou riscos conhecidos por participar neste estudo.

Se quiser algum esclarecimento sobre este estudo, por favor contacte Ana Gonçalves ou Lílana Marante, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, pelos e-mails (não publicados aqui) ou pelos telefones (não publicados aqui).

Ao assinar, declaro que tenho 18 anos de idade ou mais, que li e entendi a declaração acima, e que concordo participar neste estudo.

Rubrica do participante _____

Data ____/____/_____

Responsável pela aplicação (nome) _____

(assinatura) _____

**NÃO COLOQUE ESTA FOLHA DENTRO DO ENVELOPE COM OS
QUESTIONÁRIOS. ENTREGUE-A SEPARADAMENTE.**

É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os questionários**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Não existem respostas certas nem erradas, o que interessa é o que pensa e sente realmente.

Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Idade:

2. Sexo:

Feminino Masculino

3. Nacionalidade:

4. Estado Civil:

Solteiro União de Facto Casado Separado Divorciado Viúvo

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

Menos que o 9º ano ou equivalente 9º ano ou equivalente 12º ano ou equivalente
 Ensino superior Mestr. / Dout.

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos?

7. Quantos filhos tem?

0 ___; 1 ___; 2 ___; 3 ___; 4 ou mais ___;

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o nº de filhos que coabitam consigo e que têm as idades compreendidas entre:

(0-2 anos) ___ (3-5 anos) ___ (6-10 anos) ___ (11-18 anos) ___ (>18 anos) ___

8. Indique apenas um grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de outrem (ex: doméstica, estudante) indique o grupo a que pertence essa pessoa.

- Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).
- Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).
- Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio).
- Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).
- Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).
- Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).
- Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).
- Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).
- Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

8.1. Trabalha na área de residência, bairro ou comunidade local em que habita?

Sim Não

9. Indique em que Distrito ou Região Autónoma habita.

Aveiro Bragança Évora Leiria Porto Viana do Castelo Madeira
 Beja Castelo Branco Faro Lisboa Santarém Vila Real Açores
 Braga Coimbra Guarda Portalegre Setúbal Viseu

9.1. Indique a sua localidade de residência:

Urbano Suburbano Rural

10. Há quanto tempo habita nessa localidade?

10.1. Religião:

Católica Sem religião Outra Qual? _____

11.1. É praticante?

Sim Não

12. Em que actividades participa na sua área de residência/bairro/comunidade local?

Voluntariado Actividades Desportivas Escuteiros Actividades relacionadas com a sua religião
 Actividades de lazer Nenhuma Outra. Qual(ais)? _____

EBSC

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense na sua área de residência, bairro ou comunidade local. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau em que concorda que o item descreve a sua actual relação com a sua área de residência, bairro ou comunidade local. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 5 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

<u>Discordo</u> <u>fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Não concordo</u> <u>nem discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>fortemente</u>
1	2	3	4	5

1. Eu consigo obter o que necessito desta comunidade.
1 2 3 4 5
2. Esta comunidade ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.
1 2 3 4 5
3. Eu sinto-me como um membro desta comunidade.
1 2 3 4 5
4. Eu pertenço a esta comunidade.
1 2 3 4 5
5. Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade.
1 2 3 4 5
6. As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se uns aos outros.
1 2 3 4 5
7. Eu sinto-me ligado(a) a esta comunidade.
1 2 3 4 5
8. Eu tenho bons laços com outros nesta comunidade.
1 2 3 4 5

IMPORTÂNCIA DA COMUNIDADE

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense nas suas actuais relações com as pessoas da sua área de residência, bairro ou comunidade local. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau de importância que o item que descreve a sua actual relação com essas pessoas. Por exemplo, se considerasse fortemente importante o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se considerasse, pouco importante assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

<u>Nada</u> <u>Importante</u>	<u>Pouco Importante</u>	<u>Importante</u>	<u>Fortemente</u> <u>Importante</u>	<u>Extremamente</u> <u>importante</u>
1	2	3	4	5

1. Até que ponto a pertença à sua área de residência é importante na sua identidade pessoal?
1 2 3 4 5
2. Até que ponto as pessoas que conhece na sua área de residência constituem uma parte importante da sua vida social?
1 2 3 4 5



Esclarecimento sobre o estudo

Esta folha é para si.

Agradecemos que a leia e, se quiser, pode guardá-la para referência futura.

Obrigada por participar neste estudo. A sua participação é muito importante para nós.

Os estudos que se inserem no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, têm por objectivos estudar a Percepção do Suporte Social, o Sentimento Comunitário e a Satisfação com a Vida. Neste sentido procura-se compreender a relação entre estes conceitos e os factores influentes, de modo a podermos contribuir para que ocorram intervenções futuras mais adequadas a nível comunitário.

As respostas a todas as partes dos questionários manter-se-ão completamente confidenciais e anónimas. Se quiser algum esclarecimento relativamente a este estudo, por favor contacte Ana Gonçalves e Liliana Marante, por e-mail ou telefone (não publicados aqui).

Contactos de Ana Catarina Gonçalves e Liliana Marante (Não publicados aqui)

Por favor confira se respondeu a todas as questões.

Obrigada pela sua participação!